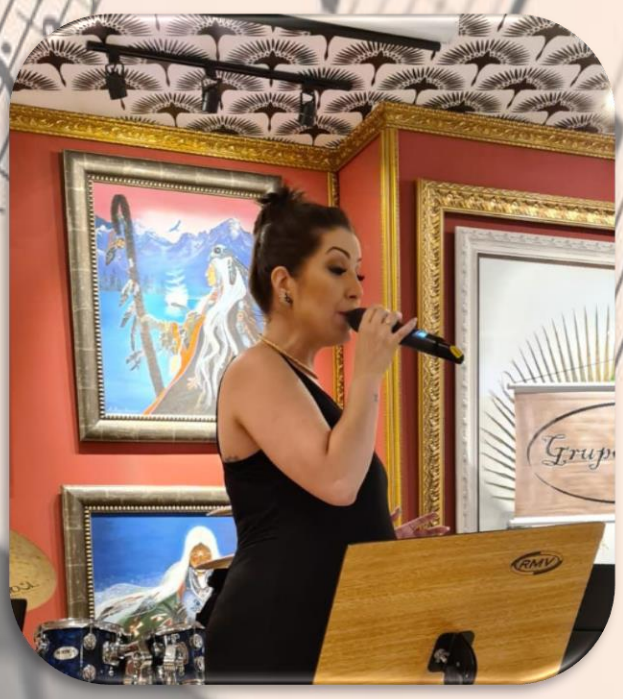
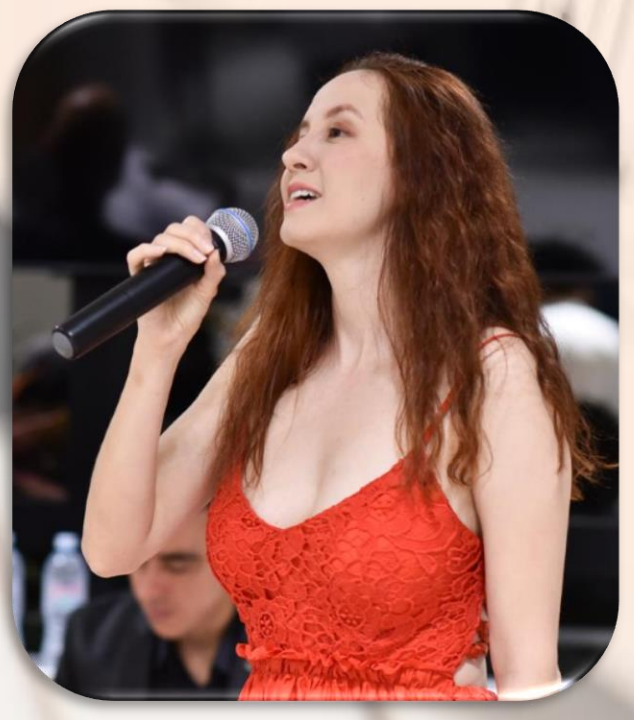
Conectados com a Gente

Colégio Estadual Cívico-Militar Professor Francisco Villanueva – Ano IV – Nº 24 – 04 de julho de 2024

Equipe Júnior



A FORÇA FEMININA NA MÚSICA



EDITORIAL

Nesta edição, convidamos algumas musicistas de nossa cidade e da região para falar sobre música, a MPB, seus gêneros preferidos e suas histórias no mundo da arte e da música.

São histórias ricas em experiências, repletas de reflexões sobre fatos ocorridos em suas vidas que nos mostram um pouquinho desse mundo (aparentemente) glamuroso, porém, que esconde lutas, batalhas para a realização de sonhos.

Convidamos vocês, leitores, a se deliciar com esses relatos inspiradores, que revelam a força e a resiliência da mulher no universo musical.

Aproveitamos para fazer um agradecimento especial a nosso aluno **Guilherme da Silva de Carvalho**, que está deixando nossa equipe alçar novos voos em sua vida. Queremos agradecê-lo por ter nos presenteado com sua dedicação e seu profissionalismo durante esses anos! E desejamos sucesso em todos seus empreendimentos e sonhos!

Também queremos parabenizar nossa aluna **Sofia Vitória Lopes**, que ficou em primeiro lugar em nossa cidade no programa *Ganhando o Mundo* e logo embarcará para um intercâmbio!

E para nosso aluno **Marcio Vinicius de Melo de Alvarenga**, que teve sua pesquisa selecionada para expor na *III Feira Científica do Núcleo de Atividades para Altas Habilidades e Superdotação – III FENAAHS* e logo embarcará para Foz do Iguaçu para viver essa grande experiência!

Temos muito orgulho de vocês três: ***Guilherme***, ***Sofia*** e ***Marcio***, parabéns!!!

Conectados com a Gente!

SUMÁRIO

03 Entre notas e sonhos, a força e a resiliência de uma voz talentosa
..... *Ágatha Rafaela Martins*

07 Inspirações e experiências de uma musicista apaixonada pela música
..... *Rafael de Aquino Nieto*

12 A jornada de uma musicista em busca de seus sonhos
..... *Igor Gasparotto*

18 Desafios e triunfos de uma voz que encanta no palco e na vida
..... *Julia Rodrigues dos Santos da Silva*

25 Notas de fé e superação em uma história de amor pela Música
..... *Mel Emanuele Coutinho*

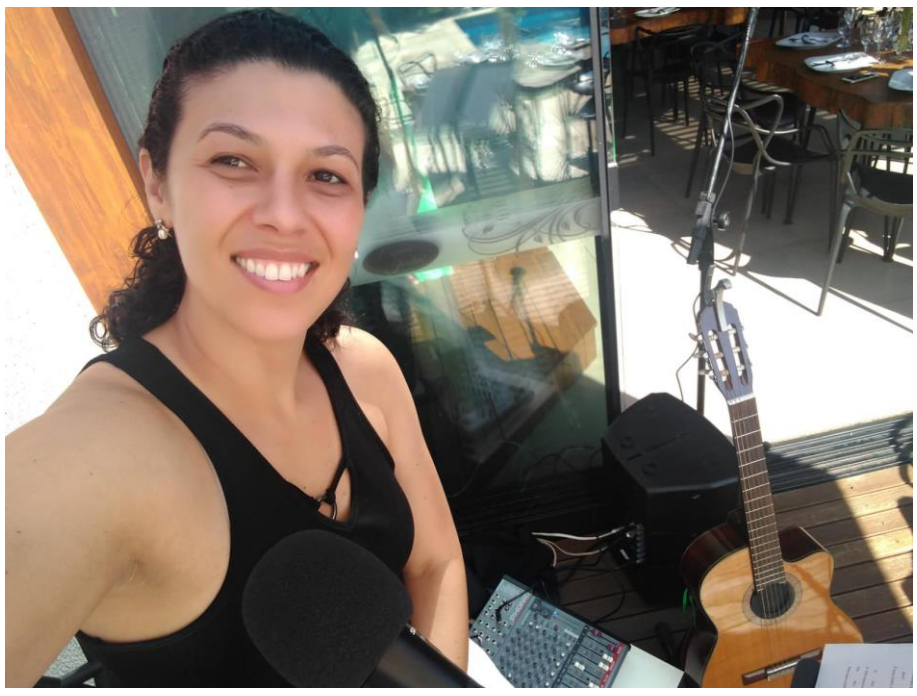
29 Da igreja ao palco, a regência de uma vida dedicada à música
..... *Sarah Guimarães de Freitas*

EXPEDIENTE

Direção: Prof.ª Neuza A. Petrin Schuster - Colégio Estadual Cívico-Militar Professor Francisco Villanueva.
Organização e Revisão: Prof. Marcelo C. Acri, Prof.ª Gessiely A. Sperandio e Marcio Vinicius de Melo de Alvarenga.
Diagramação: Prof. Marcelo C. Acri.
Capa: Imagem criada no Canvas IA.
Design de capa: Cecília V. de L. C. de Souza, Marcio V. de M. de Alvarenga, Sarah G. de Freitas, Sofia V. Lopes.
Equipe de alunos:
Ágatha Rafaela Martins e Mel Emanuele Coutinho (7º ano); Igor Gasparotto (8º ano); Julia Rodrigues dos Santos da Silva, Rafael de Aquino Nieto e Sarah Guimarães de Freitas (9º ano); Cecília Valentine de Lima Carreiro de Souza, Marcio Vinicius de Melo de Alvarenga e Sofia Vitória Lopes (1º ano).

Entre notas e sonhos, a força e a resiliência de uma voz talentosa

Ágatha Rafaela Martins



Convidamos para uma entrevista a talentosa musicista **Karina Branco**, que, em uma conversa inspiradora, compartilha conosco sua jornada pela música, desde os primeiros acordes no cavaquinho, aos seis anos, até os desafios recentes. Com uma carreira marcada por apresentações em festivais, casamentos, corais e colaborações com amigos, ela revela as paixões que a movem, suas inspirações e a importância da música em sua vida. Venha descobrir como a música moldou sua trajetória e as valiosas lições que aprendeu ao longo do caminho.

1 – Gostaríamos que você se apresentasse e contasse como começou essa paixão pela música.

Desde pequena, sempre gostei de música e instrumentos; com 6 anos, ganhei um cavaquinho, logo depois, comecei a participar de pequenas comemorações na escola e igreja, onde, em grupos com outras crianças, a gente cantava e apresentava!

Mas foi com uns 15 a 16 anos que comecei a cantar na igreja. Logo depois, vieram os grupos e encontros de jovens, festivais, festas e casamentos, coral e parceria com amigos queridos que me acompanhavam com bateria, teclado ou mesmo cantando.

Hoje, aos 44 anos, estou passando por um tratamento de câncer, então, estou dando uma pausa na música, mas ela não sai de mim! Ah! Também toco um pouco de percussão (pandeiro, cajon, atabaque, triângulo, meia lua).

2 – Quais gêneros musicais são de sua preferência? Pode falar um pouco sobre eles?

Eu amo MPB (a boa e velha música sertaneja raiz também). Mas faço também músicas internacionais com Bee Gees, Beatles, Creedence, Elvis... Cresci com meus pais escutando muito isso. A escolha dessas músicas foi por conta das letras, melodias, que tinham muitas histórias!

3 – Quais são as suas inspirações na música? E há alguém da MPB em quem você se inspira?

Ana Carolina foi minha inspiração, meu timbre de voz era parecido e eu adorava as canções dela! Mas gosto muito de Almir Sater, Chitãozinho e Xororó, Maria Bethânia, muitos cantores da Bossa Nova, Roupa Nova, Paralamas, Lulu, Marisa Monte e por aí vai...

4 – Você enfrentou alguma dificuldade para entrar nesse mundo fantástico da música? Se sim, como foi e como superou? E o que isso trouxe de aprendizagem para você?

Aqui na cidade e região foi até que fácil entrar nesse mundo mágico, porque a gente conhece muita gente e aprende sempre com cada evento. Eu cheguei a cantar por quase 2 anos em Medianeira (perto de Foz do Iguaçu). Hoje, eu noto que o mercado é mais próximo do sertanejo universitário e da sofrência (risos). Eu gosto, mas não toco; então, hoje seria mais difícil para começar, no meu caso.

5 – O que você considera ser a chave para o sucesso do aprendizado de música e para a profissão? Você ainda tem o que quer aprender?

Não digo nem sucesso, mas para uma boa aceitação é você estudar o que quer apresentar, cuidar sempre e aprender a mexer com os instrumentos e equipamentos, saber o que o público mais gosta e o principal, ser receptivo a críticas para o seu crescimento, com muita alegria e educação.

6 – Você poderia dividir uma história que tenha marcado a sua carreira na música?

Tive alguns momentos beeeemm bacanas, elogios que eu não esperava, sobre minha música, minha voz, mas o que mais me marcou foram dois momentos: um deles foi um festival de talentos (ganhei em primeiro lugar) e o outro foi cantando uma música na igreja (sou católica). Em ambos, o que me marcou foi o olhar da minha mãe, emocionada pelo sentimento que eu estava passando através da música e por ter ganho o festival, não tem nada maior que esse sentimento (minha mãe já faleceu há 18 anos).

7 – Ao longo do tempo, você sente que houve mudanças na sua forma de executar uma música?

Ahhh, sim, sempre... A gente precisa mudar e, na verdade, aprimorar.

8 – Você tem mais algum sonho para realizar no mundo da música?

Acho que cantar em algum lugar famoso para um grande público músicas que tenham feito história na vida das pessoas, marcado momentos.

9 – Na sua opinião, o que é mais difícil na música? Por quê?

Infelizmente, ainda hoje, muitos bons músicos não são valorizados como merecem! Porque a maioria ainda hoje prefere uma música de fácil comércio e não uma que seja uma ótima composição.

10 – Que significado tem a MPB (Música Popular Brasileira) para você?

Música boa!!!

Nós somos ricos em variedades, forró, samba, pagode, pop, rock, bossa e outros gêneros... Então, para mim, MPB significa música boa e rica desse nosso Brasil.

11 – Quais são suas opiniões sobre a fusão de diferentes estilos musicais na MPB moderna e como isso influencia sua própria música?

Eu acho bacana, tem vários estilos que deram certo na fusão e tudo é cultura, eu mesma já fiz algumas misturas e mudei ritmos em algumas canções, ficaram ótimas.

12 – Como você vê o papel da mulher na história e na evolução da MPB?

Fundamental! Muitas cantoras e compositoras contribuíram muito com tantas canções belíssimas para história da música.

13 – O gênero musical mais ouvido no Brasil hoje é o sertanejo. Segundo algumas pesquisas, a MPB segue em terceiro lugar. Qual é a sua opinião sobre isso?

Concordo. (risos)

14 – Mesmo com toda a inovação e modernidade que temos atualmente, as mulheres que trabalham com música e principalmente com a MPB ainda sofrem discriminação? Se sim, como esse problema pode ser resolvido ou atenuado?

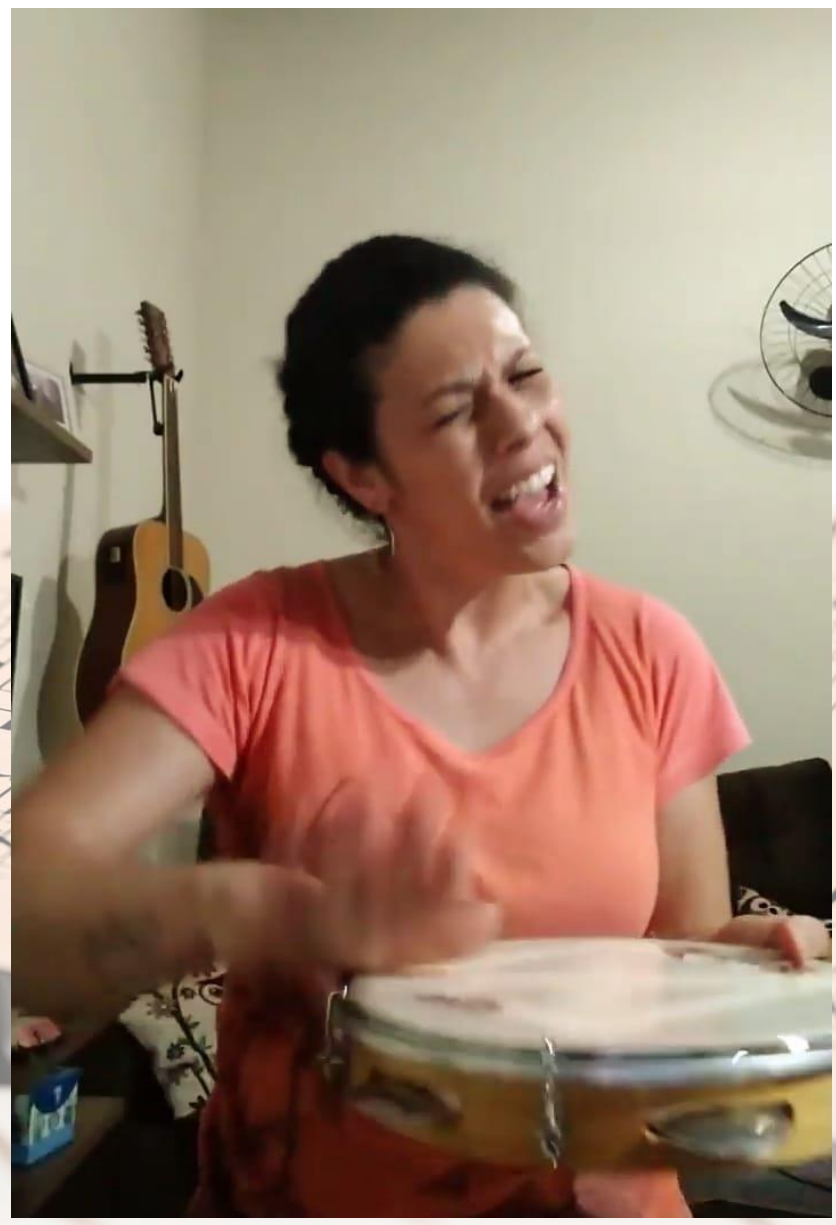
Eu acho que as mulheres têm tido grandes oportunidades e um papel legal na música, acho que essa discriminação hoje é muito pequena.

15 – O que você falaria para as mulheres que gostariam de ter uma carreira na música?

Invistam em aulas, técnicas, estudem bem as músicas e façam com muito amor.

16 – Por fim, o que gostaria de mostrar para as pessoas com o seu talento?

Que tudo o que se faz com o coração e muito amor, dá certo e só assim se consegue mostrar para as pessoas o sentimento da música.



Inspirações e experiências de uma musicista apaixonada por música

Rafael de Aquino Nieto

Nesta entrevista fascinante, temos o prazer de conversar com **Sueli da Silva Rossi**, uma musicista apaixonada que compartilha conosco sua rica jornada musical. Desde a infância imersa em um ambiente musical até sua formação em piano e experiência como professora, Sueli nos guia através de suas preferências musicais, inspirações e desafios enfrentados ao longo do caminho. Com uma visão profunda sobre a importância da música e as artes para o desenvolvimento humano, ela nos revela como a música moldou sua vida e continua a ser uma fonte inesgotável de aprendizado e realização.

1 – Gostaríamos que você se apresentasse e contasse como começou essa paixão pela música.

Meu nome é Sueli da Silva Rossi. Sempre gostei de música, em específico, do piano, ou seja, de tocar instrumentos. Iniciei meus estudos pelo órgão eletrônico e, em seguida, piano, teclado, flauta, violino. Aliás, me formei em piano. Em casa, sempre foi um ambiente musical, ouvíamos música o dia todo, tanto música popular como erudita, música clássica.

2 – Quais gêneros musicais são de sua preferência? Pode falar um pouco sobre eles?

Música Erudita ou Clássica, MPB, Rock.

Música Erudita: a Música erudita ou clássica é um pouco difícil de se definir. De uma forma mais geral, podemos dizer que abrange toda forma musical admitida nas academias, pesquisada e interpretada dentro das convenções determinadas pelos historiadores da música. Sempre gostei dos compositores clássicos como Mozart, Beethoven e, com o tempo, uma certa preferência por Johann Sebastian Bach. Bach foi aclamado compositor e organista; é tido como o maior nome da música barroca, ganhou o título de “Pai da Música”. Foi elogiado e estudado por grandes compositores como Mozart e Beethoven. Bach era obstinado em combinar as melodias da música e, graças a sua técnica, dominou como ninguém a ciência da composição em prol da harmonia perfeita.

MPB é bastante diversa e se modificou ao longo das décadas. Reúne diversos gêneros e regionalidades do país em suas manifestações artísticas. Isso porque a MPB foi uma iniciativa de produzir uma música brasileira

"nacional" a partir de estilos tradicionais e veio com o declínio da bossa nova. No início, foi chamada de MPM – Música Popular Moderna, porque, na época (década de 60), não se enquadrava como bossa nova, nem jovem guarda, nem música de protesto. Foi a partir de 1970 que passou a ser chamada de MPB – Música Popular Brasileira. Adoro Elis Regina, Marisa Monte, Ana Vilela (uma voz incrível), Jota Quest, dentre inúmeros outros. Mas, a minha seleção vai mais para a música em si.

Rock é bem abrangente e define um gênero musical de música popular, é um gênero bem diversificado, com muitas influências e com uma estrutura bem simples, mas bem significativa. A marca registrada do rock são os sons das guitarras, que são maravilhosas. E há uma lista enorme de guitarristas famosos. Jimi Hendrix é considerado o melhor guitarrista da história do rock no mundo. Na atualidade, temos algumas mulheres em destaque, como Sophie Lloyd, Nita Strauss. No Brasil, o guitarrista Pepeu Gomes marcou época, mas temos muitos guitarristas bons! Por questão de gosto pessoal mesmo, gosto muito de Guns'n'Roses, U2, Titãs, Capital Inicial, dentre outros.

3 – Quais são as suas inspirações na música? E há alguém da MPB em quem você se inspira?

Acredito que sejam os momentos e as pessoas. Elis Regina – a pimentinha, me inspira não só pela qualidade musical, que para mim é uma das vozes mais lindas e versáteis, mas também por ter sido uma pessoa de personalidade forte, de lutar pelo que acredita, de não "ficar em cima do muro".

4 – Você enfrentou alguma dificuldade para entrar nesse mundo fantástico da música? Se sim, como foi e como superou? E o que isso trouxe de aprendizagem para você?

Não sei se poderia dizer que encontrei dificuldades, porque fui professora de música por um bom tempo (órgão, teclado e flauta), toquei em festas, casamentos; mas não dei continuidade por opção minha, por conta da Matemática.

5 – O que você considera ser a chave para o sucesso do aprendizado de música e para a profissão? Você ainda tem o que quer aprender?

Para aprender música, precisa ter muita disciplina; estudar qualquer instrumento envolve muita técnica. E sempre terá muito o que aprender. Eu tenho muita coisa para aprender, com certeza. Me formei em piano em 2000, mas estudo, faço aulas até hoje.

6 – Você poderia dividir uma história que tenha marcado a sua carreira na música?

Eu tive uma academia de música, em uma cidade pequena. Foi uma excelente oportunidade e experiência, mas o que marcou foi constatar que, para muitos, o aprendizado musical é como um status, não tem o significado do que a música representa para a vida, ou para o desenvolvimento cognitivo. Então, nesse contexto, acredito que ainda precisamos evoluir muito com relação ao ensino da Música.

A Música, assim como as Artes, tem um papel muito importante no que diz respeito a aprimorar as nossas qualidades, tornando-nos mais confiantes, responsáveis, disciplinados, educados, focados, determinados, esforçados, empáticos e com maior senso de raciocínio e concentração.

7 – Ao longo do tempo, você sente que houve mudanças na sua forma de executar uma música?

Sim, sempre tem. Porque sempre aprendemos novas técnicas.

8 – Você tem mais algum sonho para realizar no mundo da música?

Estudar e aprender sempre. Quero ter mais tempo para me dedicar mais à música, mas ainda não defini o foco.

9 – Na sua opinião, o que é mais difícil na música? Por quê?

Música é Arte, então é subjetiva. E para expressar uma música, envolve-se sentimento. Então, para mim, o mais difícil talvez seja a emoção. Para tocar um instrumento, é preciso passar toda a emoção por meio dos sons.

10 – Que significado tem a MPB (Música Popular Brasileira) para você?

Representação de um povo, de uma cultura. Os instrumentos que são usados, os ritmos, as sensações por meio de uma música, estão sempre presentes na identidade de um grupo, de um povo.

11 – Quais são suas opiniões sobre a fusão de diferentes estilos musicais na MPB moderna e como isso influencia sua própria música?

Muito interessante, porque música é sentimento, mas também é criatividade! O Brasil é um país multiétnico, formado por uma vastidão de povos e culturas diferentes, então, eu acho natural e importante contemplar essa diversidade.

12 – Como você vê o papel da mulher na história e na evolução da MPB?

A MPB surgiu levantando uma bandeira de protesto e teve um início marcante com uma mulher: Elis Regina. Acredito que, a partir daí, as mulheres tiveram e têm um papel totalmente relevante. Temos cantoras maravilhosas e também compositoras cada vez mais reconhecidas: Elis Regina, Gal Costa, Maria Bethânia, Dona Ivone Lara, Nana Caymmi e muitas outras.

13 – O gênero musical mais ouvido no Brasil hoje é o sertanejo. Segundo algumas pesquisas, a MPB segue em terceiro lugar. Qual é a sua opinião sobre isso?

Cada pessoa tem um gosto musical. Mas também tem a questão de como são os acessos. Quero dizer com isso que também dependerá do que as mídias expõem, porque a tecnologia impacta significativamente nos gostos musicais das pessoas, especialmente com o advento das plataformas de streaming e a disponibilidade de música online. Precisamos nos lembrar que uma estratégia da indústria fonográfica é a divulgação em massa nos meios de comunicação. Aí, resta saber se a música mais ouvida é a música que as pessoas mais gostam. Ou se é a música que mais querem que seja ouvida.

14 – Mesmo com toda a inovação e modernidade que temos atualmente, as mulheres que trabalham com música e principalmente com a MPB ainda sofrem discriminação? Se sim, como esse problema pode ser resolvido ou atenuado?

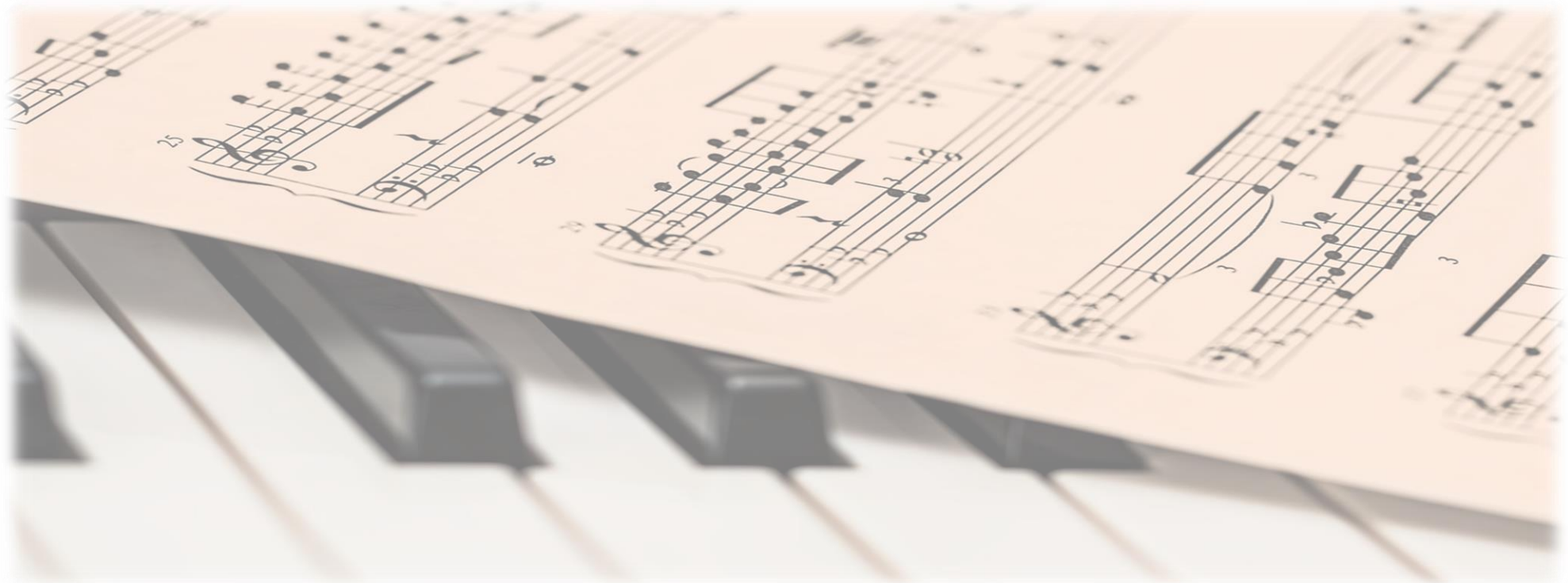
Acredito que ainda exista sim, mesmo pelo contexto histórico, que em algum momento houve e/ou haverá um episódio de discriminação. Qualquer episódio de discriminação, em minha opinião, em nosso país, só será atenuado por meio da Educação. Acredito que questões de respeito, ética, conhecimento e tudo mais só se resolvem por meio da Educação, no seu sentido mais amplo.

15 – O que você falaria para as mulheres que gostariam de ter uma carreira na música?

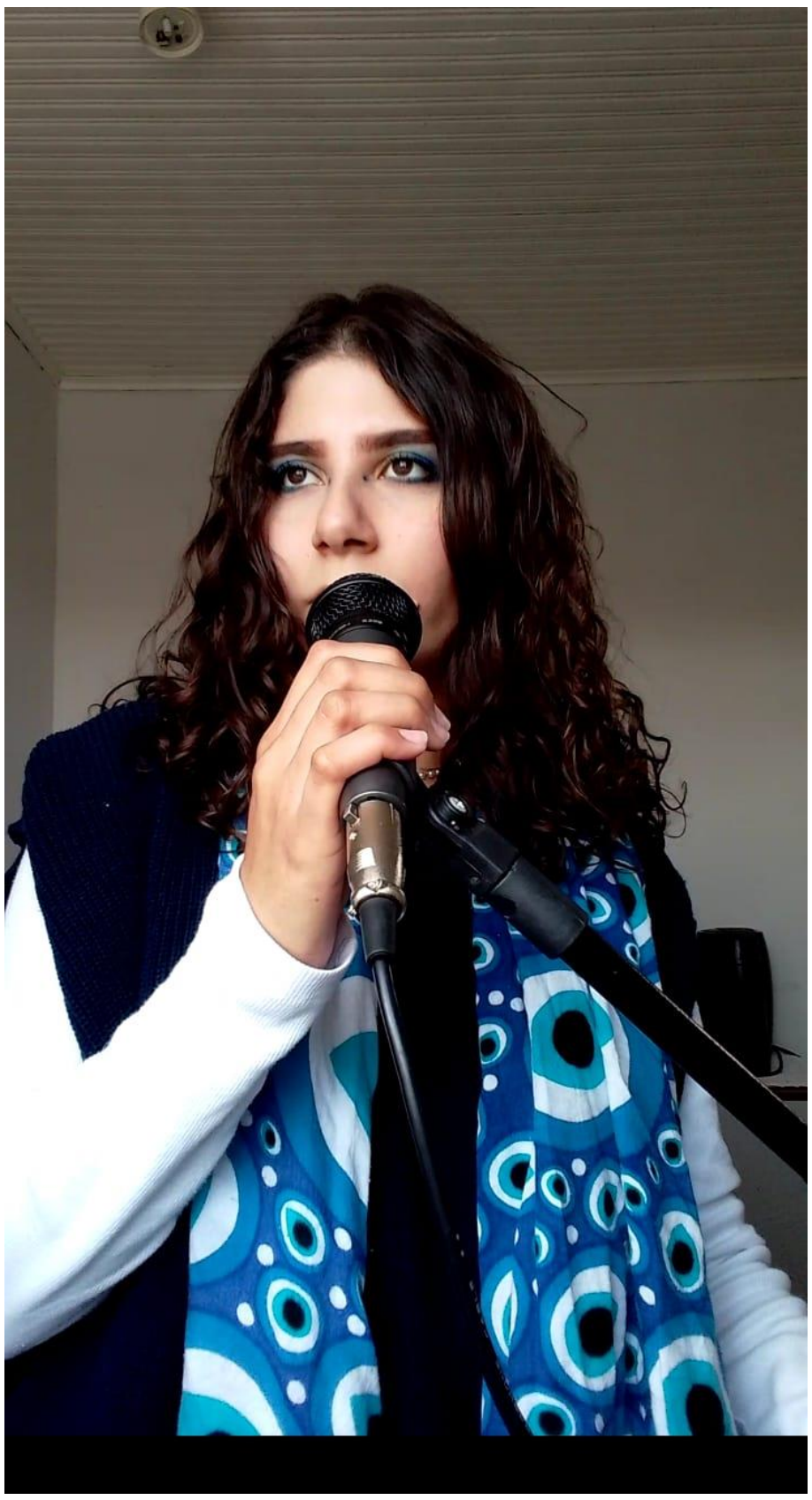
Sigam sempre em frente. Trabalhar sempre naquilo que acreditam, fazendo sempre o melhor no seu tempo.

16 – Por fim, o que gostaria de mostrar para as pessoas com o seu talento?

Que todo talento, qualquer que seja, só traz resultados com trabalho, conhecimento e amor pelo que se faz. É como a frase atribuída a Ludwig Van Beethoven: “O gênio é composto por 2% de talento e de 98% de perseverante aplicação”.

“Fazer todo bem que se possa amar sobretudo a liberdade e, mesmo que seja por um trono, jamais renegar a verdade.” – Ludwig van Beethoven.

A jornada de uma musicista em busca de seus sonhos

Igor Gasparotto



Nossa convidada, **Angela dos Santos Anhezini**, uma jovem de 21 anos e estudante de licenciatura em Artes Visuais, compartilha conosco sua jornada musical nesta entrevista cativante. Crescendo em um ambiente familiar profundamente ligado à música, foi influenciada por grandes nomes apresentados por seu pai, desenvolvendo uma paixão acima da média pela arte musical.

Com preferência pelo MPB e Rock dos anos 70 e 80, ela destaca subgêneros como Punk Rock, New Wave e Psicodélico, que moldaram sua visão artística. Inspirada por ícones como Dolores O'Riordan, David Bowie e Morrisey no cenário internacional e Elis Regina, Rita Lee e Renato Russo, na MPB, Angela navega pelo desafio de iniciar uma carreira musical com dedicação e projetos promissores, buscando visibilidade e acessibilidade para novos artistas.

Nesta conversa, ela aborda suas dificuldades, aprendizados, sonhos, e a importância da fusão de estilos na MPB moderna, enquanto reflete sobre o papel fundamental das mulheres na evolução desse gênero e oferece conselhos valiosos para aspirantes a músicos.

1 – Gostaríamos que você se apresentasse e contasse como começou essa paixão pela música.

Meu nome é Angela dos Santos Anhezini, tenho 21 anos, e sou estudante de licenciatura em Artes Visuais. Minha paixão pela música começou desde muito nova, construída pela influência musical da minha família, cresci em um ambiente onde a música é apreciada de uma forma diferente. Parte disso tudo foi incentivado pelo meu pai, que sempre me apresentou grandes nomes, mas a outra parte... acho que já nasci com um amor acima da média pela música.

2 – Quais gêneros musicais são de sua preferência? Pode falar um pouco sobre eles?

O gênero musical que mais tive contato durante a minha vida foi o MPB e o Rock em seus diferentes subgêneros. Minhas épocas favoritas são os anos 70 e 80. Dou destaque para o Punk Rock, New Wave e o Psicodélico. Neles contém os clássicos que mudaram a história de alguma forma. A arte e o artista são a consciência da sociedade, sua evolução e interesses. A música por sua vez, não deixa de seguir essa linha, sendo a forma mais pura de liberdade de expressão e uma porta para revoluções.

3 – Quais são as suas inspirações na música? E há alguém da MPB em quem você se inspira?

No âmbito internacional, minhas inspirações são Dolores O'Riordan, David Bowie e Morrisey. Na MPB, a pequena grande Elis Regina sempre terá meu coração, mas tenho uma menção honrosa para Rita Lee e Renato Russo. Quando nos inspiramos em alguém é porque essas pessoas representam algo que queremos mostrar para o mundo da nossa forma, a persona de um artista significa muito.

4 – Você enfrentou alguma dificuldade para entrar nesse mundo fantástico da música? Se sim, como foi e como superou? E o que isso trouxe de aprendizagem para você?

Na verdade, eu ainda enfrento, canto a algum tempo, mas ainda não tenho uma carreira e poucas pessoas me conhecem porque eu canto. O que ninguém costuma falar, e o que eu vejo no meu círculo é que poucas pessoas nascem com os recursos necessários para ingressar diretamente na carreira, a maioria esmagadora não tem por onde começar. O mundo da música é fantástico, fato, mas também dói para pessoas comuns, é caro manter um instrumento e aulas regulares, falta tempo, dinheiro e energia quando é preciso se manter, e quando há dupla jornada de trabalho e/ou estudo. Muitos tópicos devem ser levados em conta. Estou superando esse início trabalhando muito pelo meu sonho e iniciando meus projetos para ter e dar visibilidade para os artistas que estão começando, como eu. A aprendizagem que eu levo é que isso nos deixa mais fortes, imunes e com ainda mais amor pelo nosso objetivo, e cada conquista, mas tenho a consciência de que não quero que as gerações futuras sofram com essas questões somente pelo "aprendizado", na minha visão a música por si só já é um desafio e tem muito o que ensinar. Então minha vontade além de ter uma carreira musical, é quem sabe deixar tudo isso mais acessível para nossas crianças no futuro.

5 – O que você considera ser a chave para o sucesso do aprendizado de música e para a profissão? Você ainda tem o que quer aprender?

A chave para tudo que vamos fazer é muito amor e paciência, o dom na verdade não existe, tudo é questão de persistência em algo que gostamos profundamente. Nunca deixamos de estudar, porque sempre tempos muito o que aprender, isso serve para a vida num geral, mas a música tem muitas variações, tópicos e gêneros para aprender. Aconselho também ser humilde e deixar o ego de lado, um músico pode estudar por 30 anos, que nunca vai saber

tudo, e o mais interessante é que, um músico iniciante pode aprender e ensinar uma ótima técnica que um músico experiente nunca tinha visto antes. Música também é isso, a troca de conhecimento, por isso é importante ter contato com outros músicos.

6 – Você poderia dividir uma história que tenha marcado a sua carreira na música?

Hoje, como adulta, carrego comigo histórias num geral, de amigos que por mais que passem por dificuldades extremas, cansaço e responsabilidades do dia a dia, ainda sim pensam em música o tempo todo, e não deixam de acreditar no seu talento e não deixam de sonhar alto. Isso me marca de uma maneira muito forte e isso me inspira. Quando eu era adolescente, amava uma banda que tocava no bar da minha cidade, o modo que eu via, era de uma maneira mágica, como se os músicos ali fossem intocáveis, mantidos em um altar particular, isso com músicos em geral, pouco importando se eram reconhecidos ou não. Na mesma época vi um dos integrantes da banda trabalhando como carteiro, à medida que fui crescendo eu entendi, músicos são pessoas comuns, lutando pelo seu sonho, as vezes se mantendo em algo que não gosta tanto, mas que quando estão em um palco, aí sim podem ser quem são verdadeiramente, no fim continua sendo mágico né? Mas com pitadas do real.

7 – Ao longo do tempo, você sente que houve mudanças na sua forma de executar uma música?

Com toda certeza. Eu desde pequena sempre fui muito tímida e por incrível que pareça, só de pensar em estar cantando para as pessoas, eu já sentia o desmaio chegar de manso. Hoje em dia ainda sou bem tímida, mas tive uma melhora, claro que devemos levar a música a sério, mas isso me atrapalhava, ser “perfeccionista” demais causava minha timidez e até ansiedade. Errar é normal, sempre há uma pressão muito grande sobre isso, a maioria das vezes vindo de outros músicos em relação ao erro. Mas a partir do momento que você mesmo normaliza isso, tudo fica mais leve, a sua execução melhora e, por ironia, você acaba errando menos.

8 – Você tem mais algum sonho para realizar no mundo da música?

Muitos, por estar no início da jornada, tenho muita coisa para realizar, estou começando com um projeto que vou iniciar ainda esse mês nas redes sociais, o foco vai ser dar visibilidade nas minhas composições e convidar outros músicos da região para fazer parte também com suas produções autorais. A meta é conseguir produzir o meu álbum ainda esse ano.

9 – Na sua opinião, o que é mais difícil na música? Por quê?

É difícil ser reconhecido como verdadeiro artista, numa época em que criações fúteis são consideradas arte, onde a mídia move o que deve ou não ser popularizado. Existe uma fórmula pré-estabelecida dentro da música, que no geral faz sucesso, e a cada dia, eles impõem essa mesma fórmula em novos artistas. Caminhar de maneira independente e fazer sucesso com a sua própria essência, sem precisar se render a mídia enlatada, é o que torna tudo mais difícil.

10 – Que significado tem a MPB (Música Popular Brasileira) para você?

A música popular brasileira para mim representa resistência e força, é um diário da história do nosso país. Em épocas que tudo era tirado dos nossos antepassados, a voz foi o que restou, a única coisa que não poderia ser tirado, era usado em forma de protesto, para libertar sentimentos reprimidos, para dar esperança, para fazer as pessoas enxergarem. A MPB fez de mim uma pessoa crítica, e consciente sobre o social e político do nosso país nos dias de hoje. Como podemos ouvir uma música de décadas atrás e ainda assim se sentir representado? Significa que nada evoluiu desse tempo para cá? Há muito o que debater e pensar.

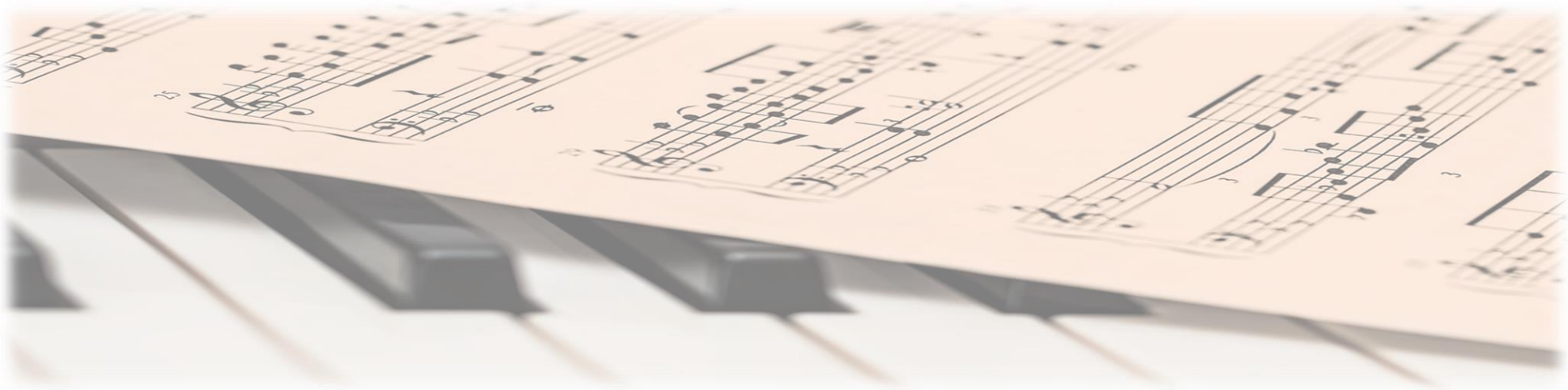
11 – Quais são suas opiniões sobre a fusão de diferentes estilos musicais na MPB moderna e como isso influencia sua própria música?

Eu particularmente gosto, o que me incomoda mesmo é o mais do mesmo. O diferente, a mudança, é sempre bom no mundo da música, fico feliz que isso esteja sendo normalizado. Também acho interessante versões antigas sendo revividas de uma maneira diferente nos dias atuais, isso abre portas para a nova geração ter contato com as músicas mais antigas. Já nas minhas composições, sinto que posso criar da minha própria forma, com liberdade, sem seguir um esquema regrado. O importante é cada um fazer seu som com as suas influências sua própria essência e particularidades.

12 – Como você vê o papel da mulher na história e na evolução da MPB?

Com certeza um papel fundamental, a MPB foi e ainda é marcada pelas mulheres que a compõem. O ponto inicial onde a mulher do bossa, num banquinho, economizando voz, foi se modificando até chegar nas mulheres da “nova MPB”, persona pura de mulheres sem medo de ser quem é, de soltar a voz como ela é, e mudar o mundo. Rita Lee por exemplo, sendo a primeira mulher a falar sobre o desejo sexual das mulheres de forma explícita em suas canções, ou quem sabe Elis, que tinha uma visão política acima da média, e ditava isso no palco, sua interpretação sempre foi extremamente marcante. Ah, Bethânia... tão delicada com a sua poesia doce e ousada ao mesmo tempo. Mulheres da MPB, cada uma delas, tem uma persona diferente do habitual e revolucionária, e isso muda tudo, isso por si só, passa a mensagem que deve passar, e nos instiga a sermos nós mesmas.

13 – O gênero musical mais ouvido no Brasil hoje é o sertanejo. Segundo algumas pesquisas, a MPB segue em terceiro lugar. Qual é a sua opinião sobre isso?

Não tenho nada contra o sertanejo, e nem contra sua popularidade, mas sinto que a MPB tem perdido a força justamente por falta de interesse das gravadoras em novos artistas da MPB, visto que, o sertanejo nos dias de hoje é mais popular e rende mais economicamente. Falta um pouco no “agregar culturalmente” e sobra “receita pronta que funciona”.

14 – Mesmo com toda a inovação e modernidade que temos atualmente, as mulheres que trabalham com música e principalmente com a MPB ainda sofrem discriminação? Se sim, como esse problema pode ser resolvido ou atenuado?

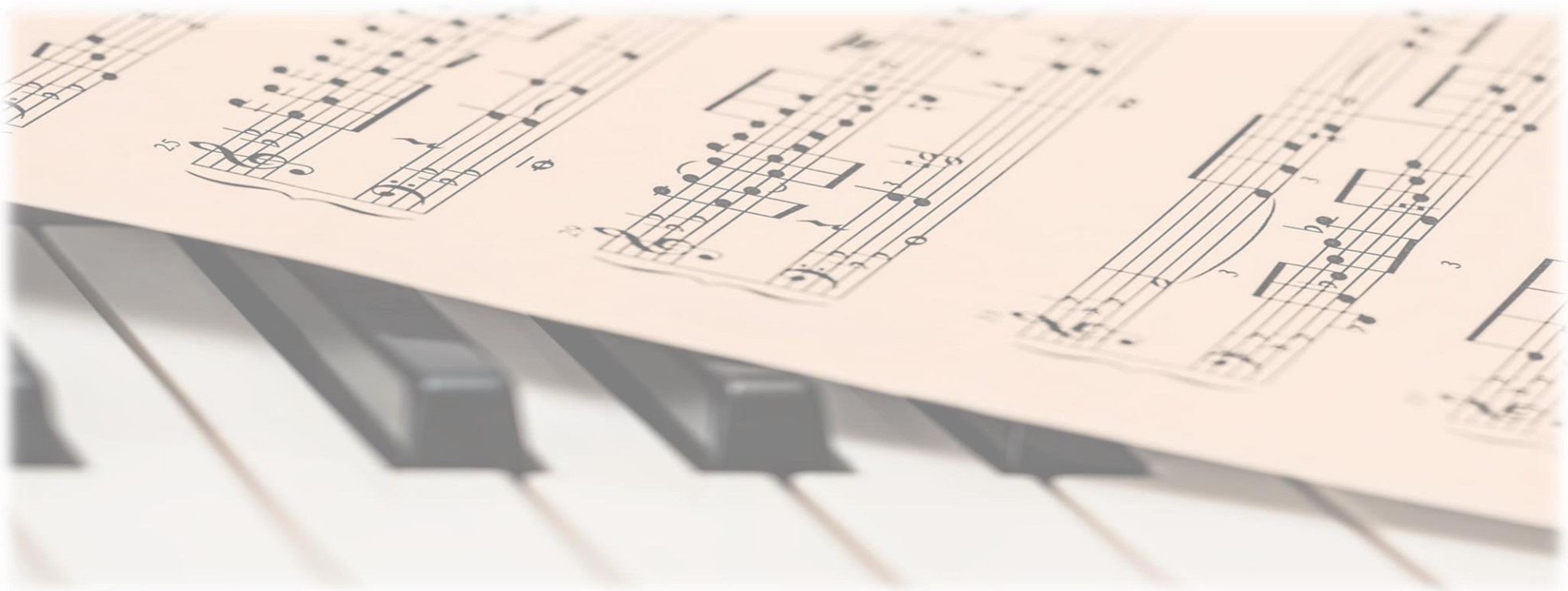
Sim, ainda sofrem. Discriminação, assédio dentro do meio musical, críticas excessivas, descaso. Como já ouvi algumas vezes "uma voz estridente e aguda demais" ou "voz feminina só cai bem em *backing vocal*". Todas que fogem do padrão estabelecido são discriminadas pela sua forma de cantar, se vestir ou interpretar. Querem de toda forma moldar a mulher e diminuir seu dom, sua vocação e carreira. Esse problema talvez não possa ser resolvido de imediato, já que o preconceito sobre a voz feminina ainda está muito enraizado, mas pode ser combatido de frente, falando mais sobre isso, para que se torne uma pauta a ser resolvida, e não um tabu. E para a mulher artista; não se cale e não admita que passem por cima de você, que te diminuam, ou que te sexualizem, ande com pessoas que realmente torcem por você e sua carreira musical.

15 – O que você falaria para as mulheres que gostariam de ter uma carreira na música?

Seja forte, mas nunca abandone a sua sensibilidade, essa é uma das maiores virtudes que alguém poderia ter. Proteja a sua essência, muitos usam como moeda de troca, seja você mesmo e o sucesso vai vir até você. Cante sempre com o coração, o erro é só um detalhe poético. Sempre que se sentir sozinha e incapaz, tire um tempo para conhecer cantoras e compositoras que vieram antes de você, isso vai te dar razão para continuar. E por último, use a rebeldia como a sua proteção, isso pode te salvar de muita gente retrógrada e sem visão.

16 – Por fim, o que gostaria de mostrar para as pessoas com o seu talento?

Só o que eu tenho são a minha voz e as minhas composições (que ainda não vieram a público, mas virão em breve), e tudo o que eu quero passar com elas é verdade e sentimento em cada frase que eu canto, quero passar a mensagem de histórias de pessoas reais, que choram, que sangram, que sentem, que cantam... Bom, eu tenho muito a dizer e espero que as pessoas se identifiquem, e que possam sentir aconchego com alguma das minhas canções.

É isso, de início.

Desafios e triunfos de uma voz que encanta no palco e na vida

Julia Rodrigues dos Santos da Silva

Tivemos o prazer de conversar com **Ana Claudia Correia**, uma talentosa cantora de 34 anos que começou sua carreira aos 13 anos, incentivada pela família e influenciada pelo ambiente musical de sua casa. Ana Claudia nos conta sobre sua trajetória, os desafios enfrentados, suas inspirações na MPB e as lições aprendidas ao longo de sua carreira.

Além disso, ela compartilha seus sonhos, a importância da música em sua vida e a mensagem que deseja passar para todos com seu talento e dedicação. Vamos conhecer um pouco mais sobre essa artista apaixonada pela música e sua jornada até aqui.

1 – Gostaríamos que você se apresentasse e contasse como começou essa paixão pela música.

Meu nome é Ana Claudia Correia, tenho 34 anos e canto profissionalmente desde os 13 anos. Eu comecei sempre com o incentivo da minha família, mas desde muito pequena, meu irmão mais velho sempre gostou muito de música, sempre gostou de bandas de rock na época dos anos 80 e sempre me incentivou muito a cantar, mas eu cantava em casa, com ele, tudo muito informal, sabe? E ele, sempre, quando eu era pequena, cantava para eu dormir. Então, eu sempre fui estimulada por ele. Ouvia minha mãe cantar, mas ela cantava dentro de casa, nada muito profissional.

Meu irmão tinha esta banda com os amigos, mas não durou muito tempo, porque cada um foi para um lado: outro foi estudar, um passou em concurso... e foram viver a vida. Mas comecei assim: por incentivo deles. E me apaixonei, como sempre, pela música, desde pequena, com essas influências dentro de casa.

E depois, minha irmã começou a namorar o meu cunhado e ele tinha uma banda. Uma banda que ficou muito famosa, muito conhecida aqui em Rolândia e na nossa região toda, por muito tempo, que é a *Elite Banda Show*, que fez muitos comícios, na época que tinha os comícios, os “showmícios”, muitas festas de baile, de formaturas, casamentos, aniversários. Era uma banda show mesmo. E eles sempre contratavam amigas ou cantoras de Londrina para fazerem participações com eles, porque eles eram uma banda só de meninos.

E, quando estava cantando com meu irmão, ali dentro de casa, um dos integrantes da banda viu, um dos irmãos do meu cunhado, e falou: “vamos ensaiar com a gente, vamos começar a cantar junto”. Eu fiquei muito receosa, porque eu ainda era criança. Eu falei “não! Eu nunca cantei com microfone!” Eu morria de vergonha. E ele falou “não, nós vamos ter ensaio”. E meu irmão estava comigo em casa e ele falou “vai, eu vou junto com você pra dar um apoio”. E eu fui e ele falou “canta essa música”. Eu cantei. “Canta essa”. Eu cantei. “Canta outra”. E eu cantei, que eram músicas que eles tocavam na banda na época. E eles falaram: “Olha, Ana, não vou mais contratar cantora de Londrina não. Você vai cantar com a gente.”

Foi para mim um choque, porque eu tinha 13 anos ali, não sabia nada de palco, nunca tinha feito aula de música. Sabia o básico do básico. E assim foi. Eu comecei a cantar na banda Elite e eu era a única mulher no meio deles e fazia muitos shows. Nossa! Tinha semanas que a gente fazia dois, três shows. Na época de eleições, na época que poderiam acontecer os comícios, era todos os dias quase, tocando e cantando em várias cidades aqui da região, além daqui de Rolândia.

2 – Quais gêneros musicais são de sua preferência? Pode falar um pouco sobre eles?

O gênero com que eu mais me identifico, o que eu mais gosto, o que eu tenho mais preferência realmente é a MPB. Eu gosto muito da música popular brasileira. Se bem que, hoje em dia, eu acredito que toda música brasileira já está no gosto popular. Tem essa nomenclatura, mas acredito que toda música é válida, é popular, é música que mostra um pouco da cultura do nosso país. Mas a MPB tradicional é a que eu mais gosto e me faz assim... são músicas mais românticas, músicas mais poéticas, que têm uma melodia gostosa. Eu sempre gostei desse estilo.

3 – Quais são as suas inspirações na música? E há alguém da MPB em quem você se inspira?

Em relação a inspirações da MPB, eu gosto muito de Marisa Monte, acho ela fantástica, de Elis Regina. Gosto muito de Ana Carolina também, acho que tem músicas muito bonitas. Enfim, acho que, de todos, essas são as que ouço mais, que gosto mais.

4 – Você enfrentou alguma dificuldade para entrar nesse mundo fantástico da música? Se sim, como foi e como superou? E o que isso trouxe de aprendizagem para você?

Sobre enfrentar alguma dificuldade, eu nunca enfrentei. Graças à Deus, eu sempre fui muito incentivada pela minha família, pelo meu cunhado, que era o dono da banda e que me incentivou e ensinou muita coisa. E no palco a gente aprende muito, na vivência dos shows, do palco, dos ensaios, com os músicos ali a gente aprende bastante coisa.

5 – O que você considera ser a chave para o sucesso do aprendizado de música e para a profissão? Você ainda tem o que quer aprender?

Eu acho que a chave do sucesso para música, assim como para qualquer outra profissão, é você fazer aquilo com amor, com a alma. É cantar como se fosse para você. Eu cantei muito em casamentos também, casamentos religiosos, e muitas vezes me emocionava com as músicas, cantando ali, quando a gente se envolve com a música. Mesmo não conhecendo as pessoas, aquelas pessoas daquele casamento, mas a gente se envolve como se fôssemos parte daquilo. E aprender, a gente aprende todos os dias. A gente sempre tá aprendendo, sempre tá evoluindo. Isso é fantástico! É isso que nos faz seres humanos: aprender cada dia mais, melhorar cada dia mais.

6 – Você poderia dividir uma história que tenha marcado a sua carreira na música?

Histórias, histórias, assim, muito mirabolantes, eu não tenho não. Só quando eu cantava com a banda, no comecinho de tudo, com os palcos enormes, o público grande, eu tinha muita vergonha, muita timidez. Então, meu cunhado estava sempre ali na guitarra ou no violão, e ele ficava me empurrando para frente do palco ali, para eu perder a timidez. E também quando cantei, abri shows de cantores mais conhecidos como Edson e Hudson, Guilherme e Santiago, que daí o público era bem grande. A gente abria esses shows, era bem interessante a *vibe* da galera cantando junto com aquele coro bonito: é bem legal!

7 – Ao longo do tempo, você sente que houve mudanças na sua forma de executar uma música?

Eu, honestamente, Julia, nunca fiz aula de canto. Eu comecei a fazer algumas aulas e eu até comecei a fazer algumas aulas de instrumentalização, mas uma ressalva: eu não toco nenhum instrumento. Já tentei, já comecei a fazer alguma coisa, mas eu não tenho essa habilidade. Mas eu mudei bastante na forma de me apresentar e de executar a música com a vivência, como eu falei antes, com a vivência dos palcos, com a experiência, aprendendo um pouquinho vendo os outros e trabalhando comigo dessa forma.

8 – Você tem mais algum sonho para realizar no mundo da música?

Ah! Tem vários. Eu queria realmente ter uma música estourada para poder representar a minha cidade, ou elo menos ter um vídeo viralizado para representar a minha cidade. Confesso, Julia, que não sei se estou ainda em

idade para isso, porque o meio da música é um meio muito cruel, muito difícil, onde rola muito dinheiro, muito jogo de interesses. Então, com a minha profissão – sou nutricionista hoje, aqui na cidade e atendo na cidade e na região – e, com os estudos que eu tenho, hoje, com a minha família, com o meu filho pequeno, eu não sei mais se eu me jogaria de cabeça nesse mundo da música.

Eu falo que a música tá na gente e nunca sai de nós. Daí, sempre, onde o pessoal me chama, eu vou com o maior prazer, maior orgulho de levar o nome da minha cidade, de cantar por amor mesmo, mas não sei se faria isso de novo, me envolveria de novo. Porém, eu gostaria de aprender a tocar um instrumento um dia ainda, quem sabe, né? Meu marido toca instrumentos maravilhosos. Inclusive, na época em que a gente namorava, na época da banda, ele me acompanhava nos ensaios. Super também me deu apoio e hoje ele também tem as bandas dele e canta e toca. Mas hoje, com bebê pequeno, a gente tem uma realidade um pouco mais diferente, mas talvez aprender um instrumento novo para poder cantar e ensinar meu filho também.

9 – Na sua opinião, o que é mais difícil na música? Por quê?

O que é mais difícil para mim na música é aquilo que eu te falei: o meio dela, esse jogo de interesses muitas vezes. Eu participei do Ídolos, em 2007 (talvez seja relevante para vocês) e fui a algumas classificatórias, mas resolvi voltar para casa, porque eu via muita coisa errada acontecendo, sem entrar em detalhes, porque a gente assina um contrato em que não pode falar muita coisa. Então, assim, foi bem difícil porque eu via gente boa, boa, boa indo embora, sabe. Acho que você já chegou a ver alguma coisa na internet. E às vezes alguns jurados meio que ridicularizavam a pessoa, deixava a pessoa para baixo... desistir do sonho dela; e eu via muita gente bem "meia-boca", para não falar ruim, mas que tinha ali um "padrinho", ou às vezes algum dinheiro para investir, que acabava ficando.

Isso me frustrou bastante, para falar bem a verdade. Sabe, ver esse meio, essa realidade: se tiver dinheiro para investir, se tiver quem te indique, você consegue ficar ali, se não, você, infelizmente, é bom, é boa, mas não dá. E aí, depois, com o dinheiro, eles "fazem" a pessoa comercialmente, investem, um monte de coisa, por mais que ela não tenha aquele talento, enfim. Mas eu vi isso e isso me deixou bem chateada, bem... Mas eu segui estudando, terminei minha faculdade de Nutrição, me formei, depois fiz vários cursos, tipo auriculoterapia, laserterapia, que são, hoje, tratamentos mais naturais para buscar a cura sem medicamentos, e eu fui me aprofundando nisso. Mas, como eu te falei, nunca deixei a música de lado. Sempre que tenho oportunidade, participo de festivais aqui da região.

Teve uma época (só uma curiosidade), vários festivais aqui na cidade e região, o pessoal não me deixava porque eu ia e ganhava todos os festivais: "então, não, a Ana não pode mais se inscrever!" (risos). Por isso que eu acabei ficando um pouquinho mais receosa em relação a esse meio, sabe, onde muita gente falava "nossa! Você é boa! Você tinha que estar lá! Tinha que ir pro programa de TV!" Eu já tive oportunidade com empresários, mas eram contratos muito amarrados, tipo 90x10, 90% de tudo o que eu ganhasse ficaria com ele e 10% para mim. Era quase uma vida de escravidão e, infelizmente, a gente até não sabe, nós que estamos fora dos bastidores, do que acontece e tem muitos artistas que começaram a carreira assim: amarrados, amarrados, amarrados em contratos terríveis, absurdos e vivem assim até hoje. E a gente acaba nem sabendo. E depois ouve: "ah, brigou com o empresário", "brigou

com o acesso", "brigou com não sei quem", mas a gente não sabe a realidade daquilo, né. Então, isso já me deixou bem chateada.

10 – Que significado tem a MPB (Música Popular Brasileira) para você?

Ah, a MPB é a música popular mesmo, é a raiz do Brasil, é a cultura clássica do Brasil. E eu acho que levou, por muitos anos, o nome do nosso país para fora, para o mundo todo, pela qualidade realmente da música, dos músicos, dos poetas. Para mim, é total inspiração mesmo.

11 – Quais são suas opiniões sobre a fusão de diferentes estilos musicais na MPB moderna e como isso influencia sua própria música?

Olha, a fusão das músicas é uma coisa natural de acontecer. Com o passar do tempo, as músicas, os estilos vão mudando e isso vai acontecendo de forma natural. Acho até que é importante para se renovar. Claro que tem conteúdos bons e conteúdos ruins, mas eu acho que essa renovação é importante. Estilos novos, vozes novas vão se mesclando. Acho que é bom. Sem, claro, prejudicar a imagem da MPB. É interessante sim: tudo bem para somar.

12 – Como você vê o papel da mulher na história e na evolução da MPB?

Ah, a mulher tem papel total, influência total na MPB, como eu falei! Elis Regina cantando já lá desde a época dos festivais. Depois vem Marisa Monte e tantas outras. Adriana Calcanhotto também, que é muito boa. E Ana Carolina! Acho que a mulher teve papel fundamental. A mulher vem tomando cada vez mais o espaço dela e fazendo isso de forma brilhante.

Cantar a voz feminina, eu acho que é fenomenal. Eu vejo tantas bandas masculinas cantando músicas femininas, eu acho incrível, porque muita gente fala "ah, música feminina tem que ser com voz feminina", e não é assim. Mas eu acho que a mulher teve papel fundamental e vem crescendo cada vez mais, não só na MPB, mas em todos os setores, não só na música, mas como nas outras profissões. E no mercado em geral ou também nos posicionamentos sociais e econômicos: a mulher vem se desenvolvendo de forma brilhante e merecida.

13 – O gênero musical mais ouvido no Brasil hoje é o sertanejo. Segundo algumas pesquisas, a MPB segue em terceiro lugar. Qual é a sua opinião sobre isso?

O gênero musical mais ouvido é o sertanejo e é lindo. Eu também gosto muito de sertanejo, confesso. Gosto muito! Cresci ouvindo música raiz, moda sertaneja raiz da minha família. Como eu falei, meu cunhado toca vários instrumentos, então, ele toca viola muito bem e eu acho lindíssimas as histórias da música sertaneja. E tem outros segmentos: sertanejo universitário e tal. A MPB vem em terceiro lugar porque, eu acredito, é natural. Como eu falei: teve épocas em que o Pop foi o mais, em 2000, difundido. Era bem comentado, era "o mais" nas paradas de sucesso.

Teve a década de 80, em que era mais o Rock. Enfim, eu acredito que são épocas que vão mudando e reciclando cada vez mais e atingindo todos os públicos, todos os gostos. Eu acho que é bacana essa roda viva de interação e eu acho que é natural mesmo.

14 – Mesmo com toda a inovação e modernidade que temos atualmente, as mulheres que trabalham com música e principalmente com a MPB ainda sofrem discriminação? Se sim, como esse problema pode ser resolvido ou atenuado?

Eu não sei se ainda tem discriminação contra a mulher. Pelo menos comigo, nunca houve. Como eu te falei, na questão do Ídolos, não eram apenas mulheres que às vezes eram menosprezadas ali, então, eram homens, mulheres, gente muito boa cantando, mas eram mandados embora e os mais ou menos ficavam. Isso me assustou um pouco: "nossa, o que a gente tem que fazer para passar nesse concurso?" Porque gente boníssima, que tinha talento brilhante sendo mandada embora e gente mais ou menos, como eu falei, que tinha as "costas quentes", ali ficando. Se existe discriminação, é uma coisa muito complicada, a gente vê discriminação em todos os setores, mas eu, honestamente, não vejo muito. E também acredito que não levanto muito essa bandeira, porque tem gente que acha que tudo é discriminação, tudo é racismo, tudo é questão de debate. Eu acho que não, nós somos todos iguais. Claro que a gente merece respeito, nós merecemos o nosso lugar e o estamos conquistando cada vez mais.

15 – O que você falaria para as mulheres que gostariam de ter uma carreira na música?

Quem sonha ter uma carreira na música, eu diria, siga seus sonhos, lute pelos seus sonhos, pelos seus ideais, escolha o seu gênero musical. Não só o que está mais vendendo, o que está mais sendo comercializado, mas aquilo que você gosta, aquilo que você ama fazer, e faça com amor. E faça com vontade e sem se dobrar para o sistema, sem se diminuir, sem estar amarrada em contratos absurdos – a não ser que você queira muito estar nesse contrato, mas não vale a pena se sacrificar desse jeito. É melhor você se posicionar e lutar por outros caminhos para ter o seu sonho realizado. Eu, com certeza, falaria isso. E quando Deus quer, Julia, acredito que a gente tem que ter muita fé e sempre Deus ao nosso lado para nos guiar nesse processo, seja na música, seja como instrumentista, seja como cantora, enfim, eu acho que a gente sempre tem que ter bom senso e colocar Deus na frente de tudo e, com a nossa intuição feminina, levar esse nosso talento, esse nosso dom, para frente e acreditar em nossos sonhos e acreditar no nosso potencial.

16 – Por fim, o que gostaria de mostrar para as pessoas com o seu talento?

Olha, o que eu gostaria de mostrar para as pessoas é, como falei anteriormente, "faça aquilo com amor". Fazer aquilo que você ama transforma você. Te transforma, te transcende mesmo e você sente a música, você sente a vibração das pessoas. Eu acredito que música também é oração. Você tá vibrando aquela energia. Quero mostrar isso para as pessoas: fazer com amor, com a alma; e que você pode realmente, com a música, que é um meio fantástico de realmente emocionar as pessoas, de tocar as pessoas, de fazê-las relembrarem, de fazer sentirem,

refletirem e de viverem grandes histórias, porque há grandes histórias na música. É isso que eu desejo para todas elas: mostrar que a música pode tocar fundo na nossa alma, no nosso coração e, assim como o amor, a música transforma a gente.

Notas de fé e superação em uma história de amor pela Música

Mel Emanuele Coutinho

Maria Antonia Florentino Cardoso é uma jovem de 17 anos que possui muito talento e descobriu sua paixão pelo sax alto através de seu tio, um músico dedicado que a inspirou a entrar no mundo da música. Iniciando sua jornada musical na igreja, Maria desenvolveu um amor profundo por gêneros como música clássica, pop e cristã. Com uma determinação inabalável, superou o ceticismo inicial de seu maestro e de outros ao seu redor, provando seu talento e dedicação à música. Agora, Maria compartilha suas experiências, desafios e sonhos para o futuro, mostrando que, com amor e perseverança, é possível transformar sonhos em realidade e inspirar outras pessoas no processo.

1 – Gostaríamos que você se apresentasse e contasse como começou essa paixão pela música.

Eu me chamo Maria, tenho 17 anos, estou no último ano do ensino médio e toco sax alto. Comecei a tocar por conta do meu tio, ele é músico e na igreja que eu ia tinha banda e eu entrei nas aulas para aprender a tocar.

2 – Quais gêneros musicais são de sua preferência? Pode falar um pouco sobre eles?

Eu amo clássico, pop e, como eu aprendi a tocar na igreja, eu toco bastante de música cristã.

3 – Quais são as suas inspirações na música? E há alguém da MPB em quem você se inspira?

Minhas inspirações são pessoas próximas a mim! Eu comecei a tocar por conta de um tio que eu admiro muito e minha professora de música. Em questão de música clássica, eu nunca fui de me inspirar para continuar tocando meu instrumento.

4 – Você enfrentou alguma dificuldade para entrar nesse mundo fantástico da música? Se sim, como foi e como superou? E o que isso trouxe de aprendizagem para você?

Sim, no começo muitas pessoas não acreditaram em mim. Meu próprio maestro falou que não apostava em mim, então, foi bem difícil no começo. Mas como era algo que eu gostava, tentei não me importar e me esforçar pra conseguir provar que mesmo que as pessoas não acreditem, eu amo música e iria conseguir tocar! Então, depois de alguns poucos meses, eu toquei e meu maestro ficou surpreendido! Eu fico muito feliz por ter conseguido ultrapassar as baixas expectativas sobre mim.

5 – O que você considera ser a chave para o sucesso do aprendizado de música e para a profissão? Você ainda tem o que quer aprender?

Amar a música, sem sombras de dúvidas. Porque, além de ser um ramo de difícil acesso para entrar, se a pessoa não amar, não se dedicar, ela vai se frustrar ou simplesmente desistir de continuar.

6 – Você poderia dividir uma história que tenha marcado a sua carreira na música?

Uma vez eu fui tocar em outra cidade e estavam apresentando a nova banda do local e chamaram uma menina como a primeira saxofonista e ela foi minha aluna. Eu que tinha ensinado ela a tocar antes dela se mudar e deixou meu coração quietinho!

7 – Ao longo do tempo, você sente que houve mudanças na sua forma de executar uma música?

Siim! No começo, eu tinha muito medo de me expressar pela música, medo de julgamentos. Então, eu só tocava o que me mandavam (risos). Mas, hoje em dia, toco do meu jeito, faço arranjos e até já escrevi algumas músicas.

8 – Você tem mais algum sonho para realizar no mundo da música?

Eu queria me aperfeiçoar na música, tanto teórica quanto prática, em alguns instrumentos e, pode parecer bobo, mas mostrar e ensinar para as pessoas sobre a música. Eu amo música e quero que mais pessoas se encontrem na música como eu me encontrei.

9 – Na sua opinião, o que é mais difícil na música? Por quê?

Permanecer, porque pode ser difícil em algumas situações; e, muitas vezes, a pessoa para por não acreditarem nela ou para porque não se sente capaz de conseguir aprender ou desacredita que pode trabalhar nessa área.

10 – Que significado tem a MPB (Música Popular Brasileira) para você?

Cultura, identidade e liberdade.

11 – Quais são suas opiniões sobre a fusão de diferentes estilos musicais na MPB moderna e como isso influencia sua própria música?

Incrível!!! Simplesmente essa fusão dá liberdade para demonstrar quem somos! E eu posso tocar em um instrumento que seria de música clássica, algo como funk, por exemplo, então, não ficamos presos em um estilo só, porque com a música podemos mostrar quem somos e não somos apenas um estilo de música. (risos)

12 – Como você vê o papel da mulher na história e na evolução da MPB?

Na música, como em outras artes, as mulheres têm sido reconhecidas recentemente e, principalmente na MPB (que eu ouço bastante), as mulheres estão tento um espaço de fala que é muito legal! Ver tantas mulheres se levantando no meio musical é realmente inspirador!

13 – O gênero musical mais ouvido no Brasil hoje é o sertanejo. Segundo algumas pesquisas, a MPB segue em terceiro lugar. Qual é a sua opinião sobre isso?

Acho que a Música Popular Brasileira deveria ter mais espaço na sociedade, pois eu acho que representa muito a cultura do Brasil. Muitas vezes falam sobre vivências de brasileiros.

14 – Mesmo com toda a inovação e modernidade que temos atualmente, as mulheres que trabalham com música e principalmente com a MPB ainda sofrem discriminação? Se sim, como esse problema pode ser resolvido ou atenuado?

Sim! Infelizmente, sim, podemos ver que, mesmo que tenham mulheres nesse ramo, são pouco conhecidas e tem sim como resolver: quando nossa sociedade for menos patriarcal, na qual só olhamos e valorizamos, mesmo que inconscientemente, os homens, tanto na música como em outras áreas.

15 – O que você falaria para as mulheres que gostariam de ter uma carreira na música?

Sejam fortes! Porque vamos enfrentar muitas coisas: pessoas que não acreditam em vocês ou até mesmo aquelas que desprezam, mas, se vocês forem fortes e amarem mesmo a música, não vão deixar que essas pessoas pobres de cultura destruam os sonhos de vocês.

16 – Por fim, o que gostaria de mostrar para as pessoas com o seu talento?

Mostrar que somos capazes! Somos capazes de aprender algo novo, somos capazes de nos expressar, somos capazes de impactar pessoas mesmo sem falar com elas, somos capazes de nós conectar e de alcançar lugares que não sabíamos que era possíveis.

Da igreja ao palco, a regência de uma vida dedicada à música

Sarah Guimarães de Freitas

Convidamos também **Keidma Juliana Diniz Rosa**, uma talentosa cantora, professora de técnica vocal, regente e musicalizadora. Com uma trajetória rica e diversa no mundo da música, ela compartilha conosco suas experiências, desafios e inspirações que moldaram sua carreira e seu olhar crítico sobre a vida, a arte e a sociedade. Desde as influências musicais de sua família até os momentos marcantes em projetos sociais, nos leva em uma jornada através de seu amor pela música e sua dedicação incansável ao aprimoramento constante. Descubra mais sobre suas preferências musicais, suas inspirações e a visão profunda e apaixonada sobre a importância da música em nossas vidas.

1 – Gostaríamos que você se apresentasse e contasse como começou essa paixão pela música.

Olá! Meu nome é Keidma. Sou cantora, professora de técnica vocal, regente e musicalizadora. Meu trabalho na música compreende muitas frentes hoje; e todas estimuladas pela paixão que foi estimulada e alimentada pela minha família desde pequena. Eu venho de uma família musical dos dois lados, assim posso dizer. Do lado da minha mãe, todos sempre cantaram bem e tocam instrumentos. No lado do meu pai também, porém, muito relacionados a coral. E tudo começou na igreja, quando eu tinha oportunidade de fazer um solo ou participar do grupo infantil, e depois expandiu para cidade, quando eu participei do coral infantil da cidade que eu morava e, a partir disso, fui convidada para fazer solo em eventos também municipais e nacional, ou outras músicas especiais. E voltando para igreja, eu participei de bandas, gravei discos relacionados à música cristã e isso foi crescendo dentro de mim como uma paixão, apontando para o que eu viria fazer mais tarde fazer profissionalmente: trabalhar com música.

2 – Quais gêneros musicais são de sua preferência? Pode falar um pouco sobre eles?

Como eu me profissionalizei na área, eu não tenho um gênero musical de minha preferência, vamos pôr assim, porque eu trabalho com muitas frentes. Na área da performance, por exemplo, eu fiz bacharelado em Canto e o bacharelado em Canto se direciona para a ópera, canto lírico, erudito. Então, eu fiz um estudo aprofundado dessa técnica e desse repertório, mas, na vida, no cotidiano, eu trabalho com diversos outros estilos musicais. Eu canto jazz, canto pop, já cantei rock, samba, MPB e, inclusive, atualmente, por conta desse meu trabalho diverso, eu montei um repertório variado e consegui elaborar um show a partir disso, em que eu passei diversas músicas de países diferentes, de gêneros diferentes, de períodos da história distintos, porque eu não tenho um da minha preferência.

3 – Quais são as suas inspirações na música? E há alguém da MPB em quem você se inspira?

Bom, se for falar das minhas inspirações, elas são tão diversas quanto a minha preferência musical. Como eu venho de uma construção pelo gospel – o gospel é fruto do R&B [Rhythm and Blues], soul, negro spiritual americanos – e cantoras que têm esse estilo sempre me chamaram atenção, nem falo de música cristã somente (tanto do Brasil como de fora), apesar de ter tido algumas referências minhas maiores no soul, aliás, a maior ainda foi a Mariah Carey, que foi a minha juventude, minha adolescência toda, inspirada na voz dessa mulher.

Depois, quando eu passei a estudar o canto lírico a fundo, eu descobri uma cantora chamada Patricia Petibon, uma francesa com que eu me edifiquei demais com ela, quando eu comecei a conhecer ópera. Ela foi uma grande inspiração para mim. Até hoje, o trabalho dela para mim é maravilhoso. E na MPB, Gal Costa foi uma cantora que sempre me chamou atenção e mexeu comigo. A gente que canta e estuda canto, busca referências em outros cantores, intérpretes, e com a Gal eu me edifiquei, porque o timbre dela é mais suave e agudo, ao mesmo tempo, brilhante; era isso que eu queria para mim, que eu buscava com relação a minha voz. As músicas dela, eu conseguia desenvolver com mais facilidade do que de outras cantoras com o timbre mais pesado, por exemplo. Então, posso colocar a Gal, do Brasil.

E depois, eu conheci também a Carmen Miranda, na verdade, eu conheço desde criança, mas, mais tarde, eu decidi estudar mais a Carmen e me edifiquei profundamente com a plasticidade vocal que ela tinha de fazer vozes, de brincar com o timbre, para fazer aquela coisa cômica na interpretação. Aspectos de dramaticidade e essa energia que imputava nas palavras. Carmen Miranda também, não posso esquecer dela: uma grande referência para mim.

4 – Você enfrentou alguma dificuldade para entrar nesse mundo fantástico da música? Se sim, como foi e como superou? E o que isso trouxe de aprendizagem para você?

Olha, nunca é fácil nenhuma carreira, eu tenho ciência de disso, mas nas artes a gente tem alguns empecilhos, porque nosso país não investe tanto assim em arte. Já é histórico, nem é de agora e de longa data. Nunca foi fácil. A gente não tem acesso a projetos educacionais voltados para a formação artística em todas as cidades. São algumas cidades que têm isso e as menores, a do interior, geralmente não têm muito. Então, para começar, já é difícil você se envolver com a música se não for por meio da igreja mesmo e, quem sabe, você tenha acesso a algum projeto. Eu tive um coral infantil por um momento breve na infância. Depois, ele se desfez, porque projetos de iniciativa pública

às vezes acabam. A igreja foi esse começo que deu essa base e eu tive esse coro infantil, mas não durou muito tempo e depois eu tive que fazer aulas por conta própria, mas também morando no interior – eu morava em Telêmaco Borba. De repente, veio um professor de canto de uma cidade maior, vizinha, lecionar e, aí, eu pude conhecer técnica vocal e comecei a estudar, mas isso tudo foi em doses bem pequenas assim, até meus 17 anos.

Então, começamos por aí, com essa dificuldade, porque, para ingressar na música, você tem que ter tido uma experiência prévia de saber se aquilo realmente é para você: se tem voz, se tem ritmo, afinação... Enfim, vem de uma construção. Aí, depois, eu decidi me profissionalizar muito depois, porque, quando você vem de um histórico assim: interior, com pouco acesso, pequenas oportunidades e, ao mesmo tempo, você tem uma paixão, você meio que não sabe qual caminho tomar e até me passou pela mente que eu poderia estudar música porque uma conhecida da igreja estava estudando em Curitiba, mas eu pensei "poxa vida, eu não tenho condições de ir para Curitiba morar", "meus pais não conseguem bancar isso para mim" e "também eu nem toco nada". Na época, eu só tinha estudado o canto mesmo, porque era o que consegui: "como eu vou entrar nessa faculdade?". Acabei deixando de lado esse sonho. Então, quando a gente fala de dificuldades, nem sempre a gente só fala de financeira, a gente fala de estrutura mesmo, de políticas públicas de aceso. Sempre foi difícil. Enfim, aí eu fui estudar outra coisa: fiz faculdade de Secretariado Executivo Trilíngue. Me mudei da minha cidade para Apucarana, porque lá eu tinha família e poderia estudar e fazer faculdade, porque, na minha cidade, eu tinha umas opções particulares, que também tinham um custo alto para entrar e, mesmo assim, porque minha família estava ali apoiando que eu fosse estudar em outra cidade esse curso, e eu fui. Então, eu fiz faculdade relacionada ao mundo empresarial, corporativo, e trabalhei com isso algum tempo e, quando eu tinha 24, anos eu decidi fazer faculdade de Música.

Quando eu decidi fazer faculdade de Música, eu já tinha meus 24 anos aproximadamente, quase 25, e tinha uma carreira que abri mão. Guardei meu diploma, saí do emprego e passei no vestibular em Curitiba. E eu nem consigo me lembrar primeiramente do porquê eu não fui para Maringá. Acho que porque o prazo já tinha passado, enfim. E fiz um ano lá e tive que conciliar com a minha vida em Apucarana, que era onde eu morava, e precisava manter essa configuração. Depois de um ano, eu transferi para Maringá, mas eu ainda não morava na cidade. Eu sempre ficava assim: como toda pessoa que estuda fora, principalmente aquelas que vão e voltam, a gente fica num pensionato, a gente aluga quarto... mora supermal no início, mas é diferente, porque você passa por tudo isso e passa feliz, porque você está conquistando um sonho, porque você está se entregando para quem você realmente é, para o que você deseja fazer na vida. Então, morando em Curitiba, depois morando em Maringá e, aliás, tendo uma casa em Apucarana, para onde eu tinha que retornar semanalmente, praticamente, foram dificuldades absurdas. Tinha dias que eu achava que ia morrer de cansaço. E o curso era integral, então, não tinha como trabalhar inicialmente, nem no primeiro ano e "*malemá*" no segundo ano. Vivia das economias que eu tinha juntado por um tempo, nos empregos que eu tive anteriormente, e eu tinha um relacionamento estável, que também me deu suporte. E depois, minha família, meus pais, em algum momento, conseguiram dar um apoio, mas, sim, com muita dificuldade. Tudo o que eu podia para ganhar um dinheiro: cantando, dando uma aula aqui e ali, eu estava pegando. Até que, a partir do terceiro ano, eu já estava bem mais estabilizada. Já conseguia me manter sozinha e fui vivendo a minha própria vida.

Eu passei por um processo de autoconhecimento profundo na transição de carreira. A música havia sido a minha aliada até ali, durante toda a juventude e adolescência, mas eu tinha uma maneira equivocada de pensar em trabalhar com isso, de modo que, na minha configuração de vida, não seria possível atingir, que era ou ter uma carreira

de cantora (circular, viajando e ficar famosa) ou dar aulas de música em escolas públicas, escolas de ensino regular, mas, para as duas coisas, eu não estava apta, porque eu precisaria tocar outros instrumentos, ter muitos conhecimentos na minha mente, que não permitiria que eu fosse uma professora; e ser famosa e ter uma jornada que todo mundo sabe o quanto difícil é. Isso tudo parecia muito intangível e, ao longo da minha formação, eu fui vendo que não funciona assim: que trabalhar com música é como em qualquer outra profissão e tem música em todo lugar e a gente, na nossa carreira, tem que criar o nosso nicho, porque, como eu disse lá atrás, nós não temos políticas públicas, nós não temos investimentos em cultura que fomente esse mercado. É a gente que faz ele acontecer. Então, é você formando que abre um espaço para você dar as suas aulas, é você, estudado, que monta um coro, um grupo, que rege um coral, que vai atrás, que canta e se apresenta em eventos oficialmente com a sua equipe. A gente faz o nosso trabalho e esse foi o grande aprendizado: eu me conheci, vi do que era capaz, li o que a profissão ainda poderia me permitir fazer, que seria uma longa jornada de entrega, de dedicação. Foram muitos aprendizados. Eu parei com as coisas que não me representavam e busquei cada vez mais ser eu, até porque na arte a gente precisa disso para ela ser verdadeira.

5 – O que você considera ser a chave para o sucesso do aprendizado de música e para a profissão? Você ainda tem o que quer aprender?

Difícil saber uma chave que abre todas as portas do sucesso ou resolve todos os seus dilemas, mas o aprimoramento constante, a atualização dos conhecimentos, o estudo contínuo musical vai ser crucial para o desenvolvimento da sua performance e para a sua profissão também. Então, o músico nunca para de estudar, ele está sempre melhorando, expandindo conhecimentos em diversas áreas correlacionadas à música, mas principalmente do próprio instrumento dele, na performance dele, melhorar o que ele puder relacionado a isso, para que ele também possa ensinar melhor, para que ele possa saber mais, para que ele possa se posicionar melhor no mercado, ter realmente o conhecimento. Na verdade, é o estudo constante que eu considero crucial para uma longevidade dentro de uma vida musical, seja ela no contexto em que você trabalha, profissional, ou num contexto em que você apenas tem aquilo como um *hobby*, mas faz disso uma atividade paralela, não importa.

E, com certeza, eu tenho muito o que aprender dentro dessa explicação que eu coloquei e eu tenho muito o que aprender na parte do canto, tanto em pedagogia vocal, quanto em performance vocal. Já são dois mundos completamente profundos para eu conhecer e ainda tem ramificações dentro de tudo isso. Sempre é uma vida inteira e você não aprende quase nada do que precisa ainda.

6 – Você poderia dividir uma história que tenha marcado a sua carreira na música?

Sobre uma história que tenha marcado minha carreira musical, eu não sei dizer, porque ela é marcada todos os dias por muitas experiências. Eu nunca tive oportunidade de projeção nacional nem de me relacionar com nada parecido com isso. Eu sempre fui anônima, mas relativamente conhecida na minha comunidade, na minha região. Então, as minhas histórias são do meu dia a dia mesmo e de projeto que eu participo. E o que eu mais amo dos projetos que eu participo é justamente esse de projetos sociais, em que eu levo até crianças da escola pública um pouco de ópera, música. Várias vezes eu tive essa oportunidade de cantar ópera para crianças em escolas públicas, que nunca tinham visto nada parecido. E a reação delas é muito interessante, elas ficam muito felizes e deslumbradas. Em contrapartida, com um mundo em que zomba dessa arte, que fala “ai, eu odeio ópera”, “não gosto”, “olha que jeito estranho de cantar”. A criança, não. Ela é muito pura, então, em todas as vezes que eu fiz projeto assim, em que as crianças puderam apreciar ópera de um jeito muito pedagógico foi realmente impactante. E a gente pega uma arte que foi feita para uma elite lá no passado, europeia, e traz aqui para o Brasil, para uma geração atual e infantil, de um jeito revitalizado – e isso faz todo o sentido. Essa é a minha maior história. Já participei de vários projetos assim e são os que eu mais gosto de fazer.

7 – Ao longo do tempo, você sente que houve mudanças na sua forma de executar uma música?

Eu sinto, com certeza. Primeiro porque o amadurecimento vocal, naturalmente, já faz isso acontecer. A gente canta de um jeito, vai formatando aquilo de acordo com a sua personalidade vocal. E, ao longo dos anos, você

envelhece, né? Então, a voz muda. Naturalmente, seu jeito de cantar, de fazer música, de fazer arte, de escolher repertório, de escolher tonalidade, já muda. Então, falando tecnicamente, sim.

Mas falando também artisticamente, emocionalmente, as mudanças vão de acordo com a sua vida. Se você passa por alguma mudança radical na vida, com certeza aquilo reflete na sua arte. Ou uma tragédia, uma mudança, uma alteração de percurso: isso tudo vai desembocar ali na forma que você vê o mundo e que você transforma tudo em arte; e ela amadurece bastante. Às vezes, o amadurecimento emocional se reflete no amadurecimento vocal, que, além de acontecer o envelhecimento natural, já acontece o amadurecimento emocional também, que vai colocando ali mais, carregando de emoção, carregando de conteúdo tudo aquilo que você faz. E, até mesmo na hora de dar aula, isso também tem um reflexo bem importante.

8 – Você tem mais algum sonho para realizar no mundo da música?

Eu tenho muitos sonhos. Todos os dias, eu tenho diversos. Eu tenho sonhos na carreira pedagógica, porque eu tenho uma escola de música. Um dos meus maiores sonhos é que essa escola pudesse expandir num nível que a gente já tem desses projetos sociais, que desse acesso de estudo para crianças, jovens, adolescentes que não tenham hoje, por meio dessa escola. Esse é um grande sonho: que a escola ultrapassasse essas paredes que hoje limitam ela aqui e fosse para a sociedade, para a comunidade de uma maneira que agregasse valor para todos, para quem quisesse. E na área da performance, que todo mundo tivesse acesso à música de qualidade. Soubesse apreciar, soubesse valorizar; e que eu pudesse também levar isso para pessoas que não têm. De um modo geral, meus sonhos são sempre voltados para isso, para que, quem não tem acesso, passe a ter. Seja me assistir cantar, seja alguma aula que eu pudesse dar.

9 – Na sua opinião, o que é mais difícil na música? Por quê?

O que é mais difícil? Bom, para mim sempre foi muito difícil ser performer musical e dar aula de música. Conciliar as duas atividades sempre foi difícil. E não só para mim, para todos os meus colegas. Porque a gente, aqui no Brasil (não só no Brasil, mas a nossa realidade também diz muito), não consegue viver de música só cantando com facilidade. Você tem que ter uma atividade paralela, até o dia que você se torna famoso. Aí você vive fazendo show por aí. Mas enquanto não, você tem que conciliar com outras atividades musicais mesmo, no meu caso. Então são aulas, regência de coral, muita coisa que exige de você também muito estudo, muito aprimoramento. E é muito difícil equilibrar. Viver nessa corda bamba. Porque você tem que ser bom, tem que dar uma boa aula, tem que reger um coral decentemente, mas você também tem que cantar bacana, tocar legal e fazer alguns contatos para eventos, shows. Conciliar carreira musical entre empregos que você trabalha, em projetos também e outros em que você é um empreendedor e faz o evento acontecer (entra em contato, agiliza, organiza; ou vende seu show para algum evento) é muito difícil. Não apenas falando só dos estudos, mas dos gerenciamento da carreira. Para mim, hoje é a coisa mais difícil que tem. E eu sei que tem muitos colegas que são como eu.

10 – Que significado tem a MPB (Música Popular Brasileira) para você?

A Música Popular Brasileira faz parte da história de todo mundo nesse país, mesmo que indiretamente, porque ela está presente na televisão, desde sempre, no rádio, constantemente, e, agora, na internet. Cada meio de comunicação tem a sua forma de espalhar essa música. A televisão utiliza muito das novelas; o rádio em sua programação normal, enquanto você viaja sempre tem alguém cantando algo em português, apesar de a gente receber uma internacionalização muito forte. Com influência estrangeira muito forte aqui, a gente ainda tem a nossa cultura viva, que se renova, se transforma. E hoje a gente pode dizer até que o sertanejo é uma variação disso, da nossa MPB, que é uma música popular brasileira também... é um tipo na nossa música. Então, ela se modifica de acordo com o tempo e está presente em todo momento, quando você viaja e ouve rádio, nas redes sociais (um refrão para fazer fundo musical para uma foto, uma imagem sua, um vídeo).

Na minha carreira, apesar de eu sempre escutar e me aperfeiçoar em diversos outros estilos e ter esse contato musical, é inevitável trabalhar com a música brasileira aqui no Brasil. Ela faz parte totalmente e, mesmo que na infância eu tenha recebido influências de várias formas, na adolescência, eu busquei as referências nacionais, para entender quem eu era, do que eu gostava e o que, no meu idioma, funcionaria e seria interessante para mim. Então, eu vim conhecendo esses artistas e, hoje, com certeza fazem parte da minha história musical, da minha história de vida. Esse é o significado que ela tem.

11 – Quais são suas opiniões sobre a fusão de diferentes estilos musicais na MPB moderna e como isso influencia sua própria música?

A MPB se renova, se modifica de acordo com o tempo e o momento que ela vive, então, é natural ela se fundir. Na verdade, eu não sei se eu posso afirmar que ela se funde, porque ela é tudo. A MPB é pop, é rock, é funk, é sertaneja, é samba e é uma mistura de tudo isso. Às vezes, ela vai ter elementos de cada um desses gêneros e vai trazer aquela identidade brasileira com uma letra poética que o Brasil geralmente gosta de cantar, com uma letra de crítica social, política. A MPB realmente se renova e isso influencia na minha música totalmente, porque eu me vejo plural. E é muito legal ter essa influência brasileira. Você é muito mais rico artística e musicalmente para ensinar, para cantar, para entender, para ouvir música. Senão, não se fecha para nada. A nossa MPB é muito rica e gera essa possibilidade da gente se comunicar de diversas formas e se abrir para diversos estilos, porque tudo faz parte da nossa música.

12 – Como você vê o papel da mulher na história e na evolução da MPB?

A mulher já foi usada como um totem, como um troféu, um presente para apreciação musical e ela ainda tem um pouco dessa conotação sexual ao ser cantora, enquanto canta e se apresenta. E há quem defenda esse lado, colocando a liberdade de expressão feminina, o poderio da mulher sobre o seu corpo, suas atitudes... acho que é válido também, mas a gente vê Elis Regina, na história, quebrando tudo, sem nada desses recursos visuais, apenas uma voz na multidão que ecoa por gerações e décadas depois de sua morte. A mulher passa por várias fases: em que é diva, maravilhosa, perfeita; e de repente ela vem desconstruída, mudando o recado, que corta as vísceras de todo mundo que escuta. E somente a voz de uma mulher poderia fazer isso (na minha opinião!). tinha que ser uma voz como a da Elis. Para mim, a representação da mulher maior na MPB é ela. Não tem o que falar! E eu nem sou, assim, a maior das fãs da Elis, daquelas que sabe tudo da vida, que tem de tudo, mas eu sou fã sim de modo geral e eu tenho (já falei) como maior referência a Gal Costa, vocalmente falando. O jeito que ela cantava, a arte dela, tem uma ligação, uma proximidade com o que eu gosto, musicalmente falando. Mas eu acredito que a Elis é a maior, porque é a voz que realmente dilacera a gente. Ela representa a importância da mulher. E vou repetir: somente por meio de uma mulher isso seria possível. Tudo o que ela causou nem uma voz masculina teria o mesmo poder que a voz da Elis teve. E por ser mulher mesmo! (risos)

Mas a mulher ainda tem muito a caminhar, porque, infelizmente, o mundo ainda elegeu mais homens do quem mulheres nesse *ranking* de maiores nomes da nossa MPB, se você for olhar. E a mulher ainda está brigando por um espaço pelo qual nem precisa brigar, enquanto os homens já conquistaram. Porque a mulher briga para expor a feminilidade dela com todo direito possível, isso está roubando a cena: na verdade, nomes da nossa música não precisam ser somente cantoras que levantam essa bandeira da exposição total (nada contra), mas está uma pauta muito em cima desse assunto sempre: do poder da mulher sobre o seu corpo, da liberdade de expressão feminina, mas a MPB não é só isso. Ela vai muito além, por isso que a Elis foi grandiosa, porque ela ultrapassou todas essas barreiras, não dependendo de nenhum recurso visual. E quando a gente fala de MPB, a gente também fala de pianistas, de violonistas, de compositoras... e nisso a gente está muito para trás. Existem movimentos, hoje, de levantar nomes femininos, de frentes femininas, colocando as mulheres mais na cara da sociedade: é um trabalho

árduo, que a gente vem de gerações de mulheres cansadas, carregando o mundo sobre as costas, as famílias todas; e valorizando só os homens. A gente vem de gerações. A nossa luta para se destacar e estar nesse *ranking*, disputar esses primeiros lugares, ainda vai longe. E é com muito trabalho, identidade e força que a gente vai conseguir. E com muita feminilidade acompanhada de um conteúdo profundo mesmo, intenso... aquela voz que dilacera tem que estar presenta na nossa arte sempre, todo o tempo. E espírito da Elis tem de apoderar de cada uma de nós que faz arte de diversas formas.

13 – O gênero musical mais ouvido no Brasil hoje é o sertanejo. Segundo algumas pesquisas, a MPB segue em terceiro lugar. Qual é a sua opinião sobre isso?

Essa resposta conversa com o que já coloquei anteriormente: não importa, o sertanejo faz parte da nossa música e a MPB, hoje, é muito modificada. Muitas vezes, as pessoas nem sabem direito o que é. Eu não vejo problema nenhum. Acho que é muito importante consumir um produto nacional e um produto que faça sentido para sua geração. Ele tem que conversar com aquilo que você está vivendo.

14 – Mesmo com toda a inovação e modernidade que temos atualmente, as mulheres que trabalham com música e principalmente com a MPB ainda sofrem discriminação? Se sim, como esse problema pode ser resolvido ou atenuado?

Eu acredito que a discriminação para a mulher é de forma geral, em diversas profissões: em uma multinacional, em um jornal, na música, num escritório, na construção civil, engenharias. Enfim, de diversas formas a mulher sofre esses preconceitos. Na música, a gente tem uma vantagem de ser considerada totem, de ser considerada "bonequinha de luxo", em muitas situações. Aparentemente, isso é bom porque te abre uma porta, te coloca em algum lugar, mas, claro, desde que você desempenhe um bom trabalho, tenha uma identidade bacana e, se você tiver uma aparência comercial, vamos dizer, você tem um tapete vermelho estendido. Às vezes, até menos talento e mais aparência comercial. E isso soa como se estivesse tudo bem, mas a verdade é que não está! Você não vai ganhar mais por isso, você só vai ter a oportunidade. E, mesmo que você ganhasse mais, você seria cobrada para estar sempre naquele padrão necessário comercialmente. Ou também não se espera muito de você, porque, se o seu lance é a aparência, tanto faz o seu conteúdo, ninguém se importa. Aí você vira uma voz ecoando no fundo do poço.

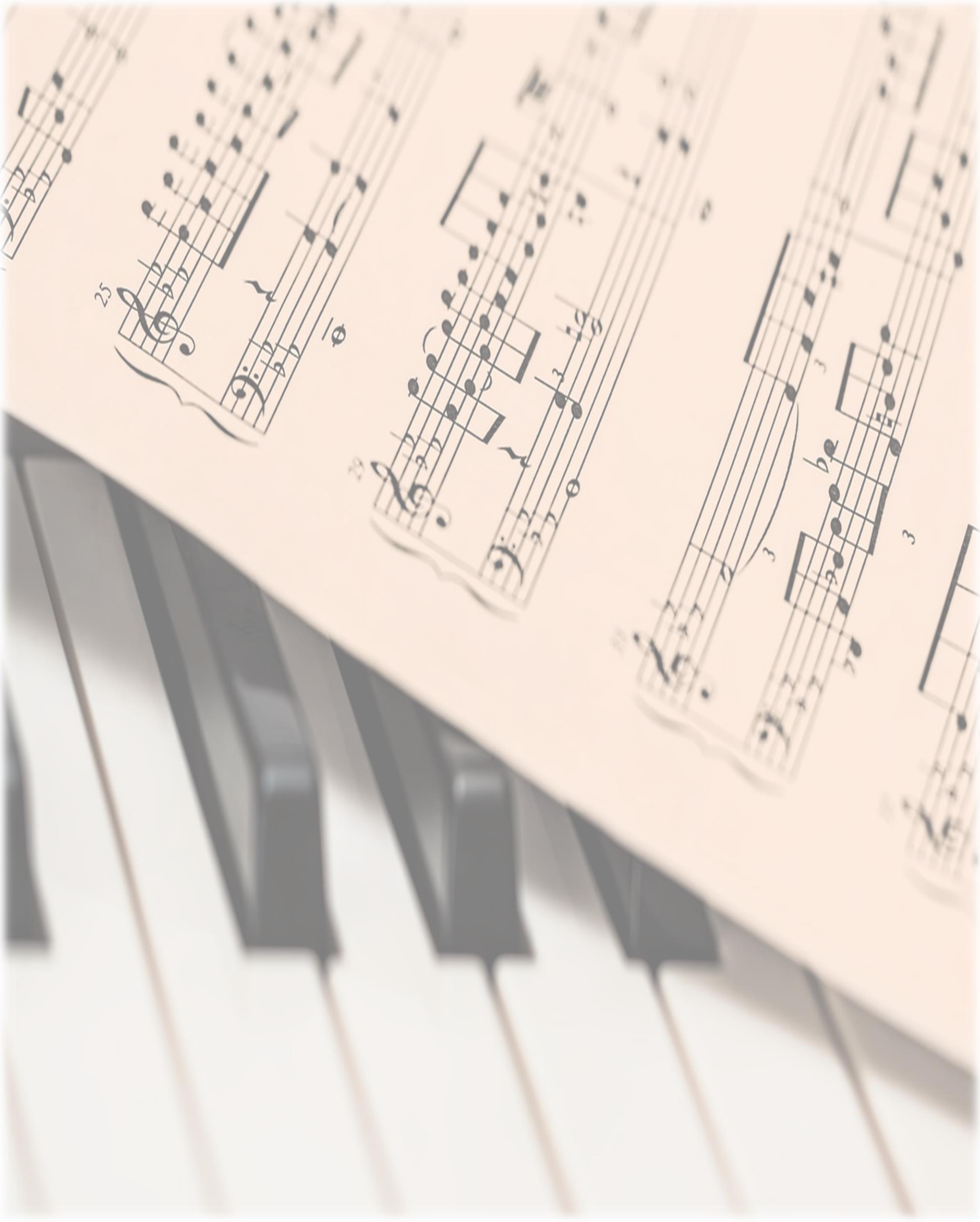
Então, sim, a mulher sofre discriminação na música nesse sentido. E quando ela tem uma carreira, não é famosa, mas tem um trabalho autoral, existe muita preocupação sobre onde ela vai se apresentar, se é seguro, vão pagá-la certinho... Às vezes, ela precisa de um homem para negociar, para ser empresário, para intermediar, para estar à frente, vendo se o espaço está adequado, se está tudo OK. Ela tem que impor os limites, para não ser assediada... Se ela é a cantora principal, é muito, muito suscetível a isso. Ela tem que estar sendo protegida, resguardada e... é... tem bastante questões. E se ela for fora do padrão, não é todo lugar que vai aceitar ela. E se tiver uma música de protesto, de crítica – que também é fora desse padrão, já vai limitar ainda mais o campo de atuação dela. Enquanto um homem, nessa mesma posição, talvez não tenha muito problema com isso. Geralmente mulheres assim chocam

muito: quem têm um trabalho de crítica, diferente; as portas se fecham. Não são todas que abrem. Mulheres sofrem discriminação.

E como pode ser resolvido? Eu gostaria de ter a resposta, mas, muitas vezes, eu prefiro ainda entrar nesse sistema de me proteger com algum homem falando por mim alguma coisa, verificando por mim, porque parecem que não vão me respeitar, parece que eu não vou estar segura se não estiver acompanhada. Ainda paira um medo, uma insegurança, então, eu não sei dizer como que isso pode melhorar, mas talvez continuar, não parar, não se esconder, enfrentar... até o dia em que a gente vai ter armas para irmos sozinhas. Quem sabe a gente vai ser uma força maior daqui a um tempo, daqui a uns anos... não vai mais precisar se esconder, fugir, ter alguma coisa para conseguir emprego. A discriminação está vestida de várias roupas, desde preconceitos bem elaborados, até mesmo de elogios e oportunidades.

15 – O que você falaria para as mulheres que gostariam de ter uma carreira na música?

Vão em frente! Estudem muito, muito, muito. Escolham o que querem fazer, a área que querem seguir e sejam as melhores. Sejam as melhores pianistas, as melhores compositoras, as melhores guitarristas, as melhores cantoras... Sejam as melhores! Estudem muito mesmo que as fontes maiores ainda sejam em nomes que já passaram por nossa existência, mas continuem estudando. E estudem como se posicionar no mercado, como se comportar, como reagir, como atender pessoas, como prover serviços para a sociedade de maneira qualificada, real. Sejam as melhores, é isso que eu digo para as mulheres. Não desanimem e não se subestimem... e não se rebaixem! E não aceitem a mediocridade! Continuem, vão avante e levantem uma geração toda de mulheres fortes, competentes, capazes, referências.

16 – Por fim, o que gostaria de mostrar para as pessoas com o seu talento?

Eu gostaria de mostrar para as pessoas com meu talento justamente isto: acesso e conteúdo. Que elas recebessem informação, saíssem mais inteligentes das minhas aulas, saíssem mais inteligentes das minhas apresentações, mas felizes, preenchidas. É isso! É isso o que eu quero mostrar para elas, que elas podem... que eu posso aprender com elas, que elas podem aprender comigo. Que tem espaço para tudo isso na nossa cabeça ainda e nesse mundo todo.